

Jorge Luiz Souza Bastos



AS ENFERMIDADES DOS SÉCULOS EM SIMÃO DIAS



EDISE



AS ENFERMIDADES DOS SÉCULOS EM SIMÃO DIAS



SERGIPE
GOVERNO DO ESTADO

GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

Governador

Belivaldo Chagas Silva

Vice-Governadora

Eliane Aquino Custódio

Secretário de Estado do Governo

José Carlos Felizola Soares Filho



SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

Diretor-Presidente

Francisco de Assis Dantas

Diretor Administrativo-financeiro

Jecson Leo de Souza Araujo

Diretor Industrial

Milton Alves



EDISE

EDISE - EDITORA DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE

Gerente Editorial

Jeferson Pinto Melo

Conselho Editorial

Ezio Christian Déda Araújo

Irineu Silva Fontes

João Augusto Gama da Silva

Jorge Carvalho do Nascimento

José Anselmo de Oliveira

Ricardo Oliveira Lacerda de Melo

JORGE LUIZ SOUZA BASTOS

**AS ENFERMIDADES DOS
SÉCULOS EM SIMÃO DIAS**



EDISE

Aracaju
2022

Capa

Jorge Luiz Souza Bastos

Diagramação

Clara Macedo

Revisão

Yuri Gagarin

Pré-Impressão

Dalmo Macedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bastos, Jorge Luiz Souza

As enfermidades dos séculos em Simão Dias [livro eletrônico] / Jorge Luiz Souza Bastos. --
Aracaju, SE : Segrase, 2022.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-86004-69-4

1. Epidemias - Simão Dias (SE) - História -
Séculos 19-20 I. Título.

22-111563

CDD-614.4098141

Índices para catálogo sistemático:

1. Epidemias : Simão Dias : Sergipe : Estado :
História 614.4098141

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Editora filiada



Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE

Rua Propriá, 227 · Centro

49010-020 · Aracaju · Sergipe

Tel. +55 (79) 3205 7421 / 3205 7420

edise@segrase.se.gov.br



“O saber contra a ignorância, a saúde contra a doença, a vida contra a morte... Mil reflexos da batalha permanente em que estamos todos envolvidos.”

Oswaldo Cruz (1872-1917), médico sanitarista

“Todo mal tem seu bem, e toda doença, seu antídoto.”

Dorothea Dix (1802-1887), ativista estadunidense

Dedico esta obra

À memória de todas vítimas do Covid-19.

Aos profissionais da saúde e linha de
frente, que dedicaram todo seu tempo à
missão de salvar vidas.

Às famílias, que duramente enfrentaram a
perda de seus entes queridos, sem, ao menos,
ter a chance de se despedirem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
-------------------------	-----------

CAPÍTULO I – UMA DAS PANDEMIAS ESQUECIDAS: a grande peste chega a Simão Dias	13
---	-----------

Sintomas da <i>cholera-morbus</i> epidêmica.....	19
--	----

A <i>cholera-morbus</i> ressurge na Villa.....	21
--	----

Mortalidade colérica na Villa de Simão Dias.....	29
--	----

Obtuário colérico geral da Villa de Simão Dias.....	35
---	----

CAPÍTULO II – VARÍOLA OU PESTE DAS BEXIGAS: antiga inimiga da Villa de Senhora Santa Anna de Simão Dias.....	39
---	-----------

A varíola em Simão Dias: marcas profundas de uma experiência dolorosa	41
---	----

Vacina antivariólica: da variolização vacínica a erradicação da doença.....	66
---	----

CAPÍTULO III – A GRIPE ESPANHOLA EM SIMÃO DIAS: a terrível moléstia	71
--	-----------

A influenza espanhola chega em Simão Dias: breves apontamentos de uma história.....	73
---	----

As múltiplas percepções da influenza: o cotidiano da cidade doente	75
A profilaxia e as práticas de cura da influenza espanhola.....	81
“Cresce a mortandade!” Resultado da epidemia no obituário de cidade.....	85
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 89
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 97

INTRODUÇÃO

Com a propagação da pandemia do COVID-19 no mundo, fomos aguçados pela curiosidade sobre as enfermidades pandêmicas e endêmicas que dissimularam em diversas regiões do Município de Simão Dias, mudando radicalmente o cotidiano familiar e social de seus habitantes, com base nas diversas medidas protetivas sancionadas pelos Governos Federal, Estadual e Municipal, enquanto se aguardava meios eficientes para prevenção e cura da doença.

Nos dois séculos que antecederam o atual, podemos discriminar três das piores eras pandêmicas e endêmicas de nossa história, sendo que duas delas já foram erradicadas. A *Cholera Morbus* atingiu a Villa de Senhora Sant'Anna de Simão Dias no início da segunda metade do século XIX, seguida da **varíola**, que dizimou sem piedade uma grande parcela da população entre 1879 e 1889, marcando seu retorno em 1919, após o alastramento da **influenza** ou **gripe espanhola**, que atingira as áreas urbana e rurais de Annapolis¹, entre os meses de outubro e dezembro de 1918.

É importante frisar, que este texto é meramente informativo, sem cunho científico, visto que não conheço a fundo a etimologia e evolução científica dos casos. Minha pretensão é dar apenas uma

1 Após ser aprovado por maioria de votos no Poder Legislativo do Estado, em 25 de outubro de 1912, o Presidente do Estado General Dr. José Siqueira de Menezes assinou o Decreto Lei Nº 621, modificando a denominação do município de Simão Dias para Annapolis (DEDA, 1967, p. 73), permanecendo com esta nova nomenclatura até 07 de dezembro de 1944, quando foi sancionado o Decreto-Lei Estadual Nº 533, que determinava que o Município de Annapolis voltasse a chamar Simão Dias. [Grifo nosso].

noção ao leitor sobre as enfermidades que sofrera a população de Simão Dias, entre os séculos XIX e XX, já que recentemente fomos surpreendidos com a propagação do **covid-19**, uma doença causada pelo **coronavírus** ou **Sars-CoV-2**, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves.

A pandemia do novo coronavírus causou medo em todo o mundo, contudo, o cenário é semelhante ao que já aconteceu em outros momentos da nossa história. Poucos desta geração tem conhecimento dos fatos, alguns através de pesquisas científicas, outros levados pela curiosidade. Parte da população centenária que viveu a última e maior pandemia do século XX, falam de modo superficial sobre o que viveram. Por isso, tudo é novidade. Alguns desdenham e ignoram as orientações da OMS (Organização Mundial da Saúde). Até o Governo Federal se contrapõem, sendo seguido por seus excessivos números de correligionários fanáticos. Alguns, há meses se isolam totalmente em casa, sem conversar pessoalmente com quem mora em outra residência, inclusive familiares. Com o avanço da tecnologia, parte das informações contraditas se espalham pelas redes sociais, criando uma série de *fake news*, atrapalhando diretamente o controle e a erradicação deste vírus mortal, que grassa fortemente entre a população, com as suas variantes mutações.

CAPÍTULO I

UMA DAS PANDEMIAS ESQUECIDAS: A GRANDE PESTE CHEGA A SIMÃO DIAS



Caricatura Le Ministère Attaqué du Choléra Morbus, de Grandville, 1831.
Bibliothèque nationale de France.

A *Cholera Morbus*, também chamada de grande peste por alguns pesquisadores, é causada por uma série de tipos da bactéria *Vibrio Cholerae*. De origem asiática, esta doença chegou ao Brasil em maio de 1855, pela Província do Pará, e tomando vias marítimas, alcançou em poucos meses a capital do Império e a Bahia de São Salvador. Ao ancorar no porto de Belém do Pará, a *barca Defensora*, que havia saído da cidade do Porto,

em Portugal, não trazia consigo apenas uma leva de imigrantes, mas desembarcava passageiros infectados com a *Cholera Morbus*, que ceifou, em um curto espaço de tempo, milhares de vidas brasileiras, sobretudo, no Nordeste.



Vibrião colérico, descrito por Felipe Pacini, 1854

A doença não chegou em Sergipe por vias marítimas, mas atravessou pela fronteira Sul da Província, até atingir sua primeira vítima na Villa de Nossa Senhora Imperatriz dos Campos do Rio Real, atual Tobias Barreto, e, em seguida, na Villa de Lagarto.

A Câmara de Vereadores da Villa de Campos, em 11 de setembro de 1855, oficiou ao Presidente da Província que a povoação se achava num estado de desolação e luto, ceifando quinze vítimas entre mais de sessenta afetados. Apesar da quase convicção dos edis da chegada da *Cholera* na Villa de Campos, entre os dias 19 a 21 de setembro de 1855, o Provedor da Saúde Dr. Joaquim José de Oliveira (1820-1972) esteve na referida Villa para dar um parecer sobre a existência ou não da doença naquela localidade, no qual concluiu que nada levava a crer que as pessoas que se achavam ali doentes seriam vítimas deste terrível mal (NETO, 2011, p. 41-42). Relatos inconsequentes ou não, em 27 de setembro de 1855, a epidemia do *Cholera Morbus* fez sua primeira vítima na referida Villa.

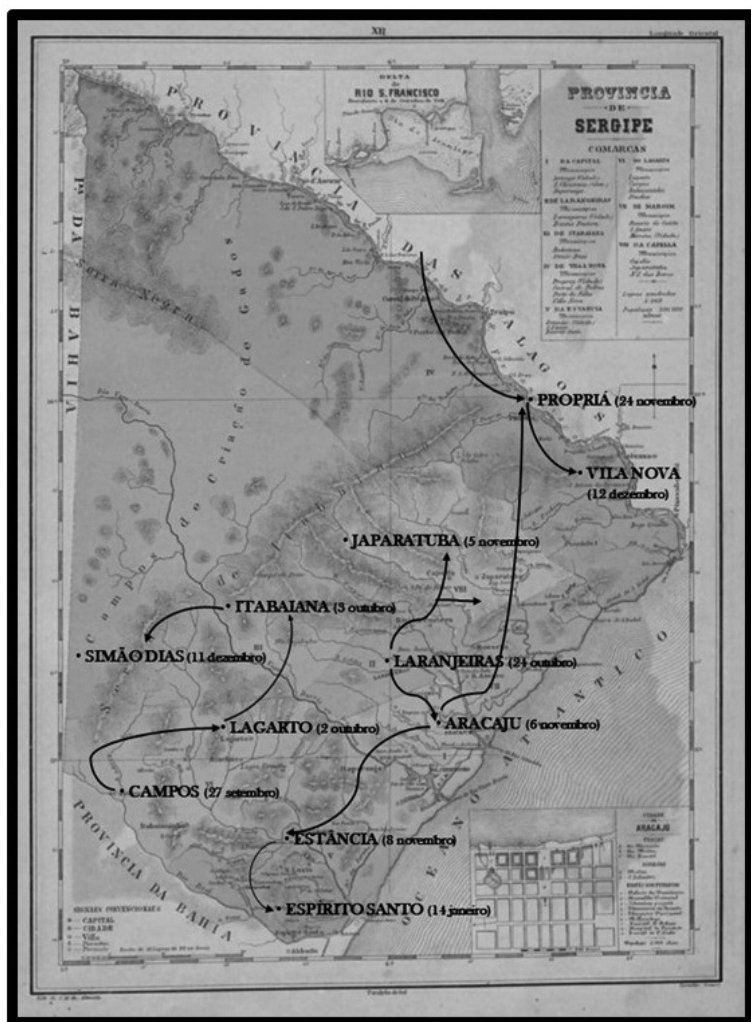
Para impedir a circulação da *Cholera* em terras sergipanas, certos cuidados ainda foram tomados pelo Presidente da Província, como a publicação de circulares, quarentena nos portos, instruções sanitárias pelas Freguesias, etc., contudo, nada impediu sua total propagação.

O jornal oficial da Província, o CORREIO SERGIPENSE, já havia publicado, em 18 de agosto de 1855, um comunicado intitulado “*Cholera Morbus* no Pará”, um texto dirigido aos redatores do jornal DIÁRIO DO COMMERCIO, contendo alguns conselhos preventivos, aclarando a população a respeito dos males desta terrível doença, que já ceifava vidas em grande parte da Província paraense. Esse texto já havia também circulado na Província da Bahia desde o dia 05 de julho de 1855, a pedido da própria Comissão de Higiene pública de Salvador.

Neste período, a Província de Sergipe era governada pelo Liberal Dr. Ignacio Joaquim Barbosa, Presidente Provincial, nomeado por Carta Imperial de 07 de outubro de 1853. Acometido pela malária, foi afastado do cargo e substituído pelo 2º Vice-Presidente, o Coronel José da Trindade Prado, em 10 de setembro de 1855, que se perdurou no governo até a chegada do 1º Vice-Presidente João Gomes de Melo, o Barão de Maruim, que voltou do Rio de Janeiro, onde ocupava o cargo de Deputado Geral, para assumir a presidência da Província, fato que ocorreu em 25 de setembro de 1855. Dr. Ignacio Joaquim Barbosa falecera em 06 de outubro de 1855.

Ao assumir a presidência e percebendo a gravidade do fechamento dos portos para os cofres públicos, o Barão de Maruim mandou reabri-los imediatamente. Esta medida havia sido tomada pelo Presidente interino Coronel José da Trindade Prado, seguindo as instruções do próprio Provedor de Saúde Dr. Joaquim José de Oliveira (1820-1972), que havia dado inicialmente uma série de instruções para prevenir que este mal se alastrasse violentamente pelo interior da Província.

Roteiro e Datas oficiais do aparecimento do Cholera Morbus de Sergipe - Set. 1855 - Jan. 1856



Fontes: MELO, João Gomes de. Relatórios com quem foi entregue a Província... Aracaju: Typ. Oficial, 1956. (BPED-1437); ALMEIDA, Cândido Antônio Mendes de (org). Atlas do Império do Brasil. Rio de Janeiro: Lithographia do Instituto Philomático, 1868. (BC/Unicamp, OR/ETA-1281/AL64a).

Grassando para o agreste, a *Cholera Morbus* chega a Santo Antônio e Almas de Itabaiana em 03 de outubro, e, dois meses depois, ela faz sua primeira vítima na Villa de Simão Dias, como é percebido no mapa acima. Apesar do mapa registrar o aparecimento da *Cholera* na Villa de Senhora Santa Anna de Simão Dias em 11 de dezembro de 1855, segundo uma publicação do jornal CORREIO SERGIPENSE, de 09 de janeiro de 1856, pág. 03, esta doença começou a se manifestar aqui uma semana antes, mas precisamente, no dia 04 de dezembro de 1855.

A Câmara Municipal exerceu um papel importante durante o combate a *Cholera*. Além de legislar, o Presidente da Casa também assumia o cargo de Executivo Municipal. Uma das atribuições dos vereadores era elaborar a Postura Municipal, um conjunto de leis de ordem pública, posteriormente aprovadas pela Assembleia Legislativa Provincial e sancionadas pelo próprio Presidente da Província. No tempo de pandemia ou endemias, certos deveres de ordem pública eram preestabelecidos nas Posturas Municipais, ambas baseadas na teoria miasmática. A Postura tinha como função reordenar povoações com mudanças de estabelecimentos suspeitos de ameaças à saúde pública, e punia, entre outras coisas, a quem atentasse contra as normas de higiene, como despejos de imundices, perturbação a moral pública e proibição de criar animais soltos.

A povoação de Simão Dias tornou-se Villa, por meio da Resolução Nº 264, de 15 de março de 1850, sancionada pelo Presidente da Província, o Bacharel Dr. Amâncio João Pereira d'Andrade. Em seguida, o Presidente notificou a Câmara Municipal de Lagarto, e ordenou as autoridades para que fosse providenciada, no dia 02 de junho de 1850, a eleição da Câmara Municipal de Simão Dias, tendo em vista as disposições do Tít. 4º, da Lei de 19 de agosto de 1846. Eleitos, os camaristas da Villa de Senhora Santa Anna só assumiram os cargos em 29 de abril de 1851, passando a organizar a casa, contratando funcionários, organizando

as contas de receitas e despesas da Câmara, e elaborando as referidas Posturas Municipais, as quais foram entregues no dia 03 de maio daquele ano, para análise e aprovação da Assembleia e do Presidente da Província. É importante ressaltar que, com o alastramento da *Cholera* na Villa, algumas leis precisaram ser revistas, evitando assim qualquer perigo à vida, a salubridade pública, eliminando o que era possível para evitar algum foco de infecção ou propagação da doença.

Em outubro de 1855, a Câmara Municipal de Simão Dias concordou com a retirada do açougue público, que estava localizado no centro da Villa, próxima a feira livre. O açougue era pequeno e acanhado, sem comodidade, e, devido ao sangue pútrido das reses penduradas ou espalhadas nos galpões, poderia causar infecções através do ar. Segundo os camaristas, a pouca circulação do ar e a transpiração das pessoas no recinto podiam produzir miasmas, o que motivou a sugestão de sua transferência para outro local da Villa. Nesta época, assim como as demais Villas da Província, as feiras tornaram-se um lugar inseguro, e, por isso, os bois não eram mais levados para o abate e seus marchantes abandonaram suas bancas. Vivandeiros não vendiam seus legumes e outros gêneros alimentícios. Tudo era luto e pavor.

A Villa de Simão Dias, muito afamada pela sua tradição pecuarista, era uma grande feira de gado que abastecia todo o sul e parte do norte da Província. Estes pecuaristas eram grandes criadores do gado vacum, tipo de criação que invadiu os sertões desde o Período Colonial. Esta espécie de rebanho possuía um tipo de carne valorizada pela sua sustância e força.

Devido à escassez da carne bovina, o Barão de Maruim enviou um ofício à Câmara de Vereadores exigindo aos edis, que empregassem todos os seus esforços para que os seus vivandeiros e marchantes continuassem enviando suas remessas para os diferentes mercados da Província, que já se ressentia da fome. Em contra-

partida, o delegado de Polícia da Villa de Senhora Santa Anna, Manoel José d'Andrade, cobrou ao chefe de polícia Frederico Augusto Xavier de Brito, providências para a crise de abastecimento pela qual estava passando a população da Villa e cercanias.

Devido a carestia e a escassez de alimentos, neste tempo de *Cholera*, a fome atingiu toda parte da Villa e Município, aumentando, assim, a penúria e o sofrimento daquelas famílias miseráveis, indígenas e negros escravizados, que resistiam à calamidade da mortal doença.

SINTOMAS DA *CHOLERA MORBUS* EPIDÊMICA

Segundo as informações extraídas nas colunas do jornal CORREIO SERGIPENSE, a doença se manifestava por meio de um frio gelado em todo o corpo, pulso inteiramente concentrado e quase desaparecendo, semblante inteiramente decomposto, olhos encovados, vômitos e diarreia de um líquido esbranquiçado, grande dor no estômago, câimbras violentas nos membros, a pele das mãos rugadas, como se estivesse por muito tempo mergulhado em água fria (1855, p. 02).

O sintoma clássico é de uma diarreia profusa, podendo ocorrer vômitos incoercíveis, câimbras musculares, placas azuladas no corpo e um emagrecimento rápido. Os olhos podem afundar-se nas órbitas, a pele diminui sua elasticidade, havendo o enrugamento das mãos e dos pés, podendo levar o doente a morte em alguns dias ou semanas. Podem também dar-se casos de morte súbita. A manifestação de sintomas teria início entre duas horas e cinco dias após a infecção.

No manuscrito '*Cholera-Morbus*', escrito em 1832, o médico Dr. Antônio Correa de Lacerda, nem sequer minimiza o incômodo que sentiu ao presenciar tão degradante quadro desta doença:



Memórias da Cholera-Morbus, 1849, de Honoré Daumier
1849 · Engraving · ID da imagem: 392643 ·
Private Collection / bridgemanimages.com

“(…) o nariz, as orelhas, os pés e as mãos começam a esfriar; logo, o infeliz doente à uma temperatura de [trecho incompleto] centígrados é acometido da cabeça à ponta das unhas e dos cabelos de um frio medonho e que em um piscar de olhos se torna glacial. O tocá-lo deixa sentir em seu corpo uma temperatura abaixo da dos objetos que o rodeiam e de um cadáver após 48 horas (...); a glândula lacrimal se enche de serosidade e perde a cor, (...) a adinamia domina por toda parte; o doente não pensa nem em si nem em quem o rodeia, um pequeno delírio se mostra de tempo em tempo; os soluços, este último esforço da natureza, vem ainda atormentar o doente; a respiração, o mais comumente sem o embarçar, se enfraquece; e quando menos se pensa o doente toca a extremidade da morte de muito tempo começada” (LACERDA, 1832, pp. 4-5).²

Parte destes elementos coincidem com um dos relatórios enviados ao Presidente da Província de Sergipe, pelo Cônego Antônio da Costa Andrade, Vigário Colado da Freguesia de Senhora Santa Anna, quando a epidemia grassava na Villa de Simão Dias pela segunda vez. Na nota publicada pelo jornal CORREIO SERGIPENSE, de 03 de outubro de 1857, em um dos trechos deste ofício, datado de 23 de setembro daquele ano, dizia que na Villa estava reinando “*uma epidemia de vômitos, jactos e câimbras, a qual já tem feito algumas vítimas*” (1857, p. 03).

A CHOLERA MORBUS RESSURGE NA VILLA

Após um longo período de estabilização, a *Cholera Morbus* alastrou-se fortemente em agosto de 1857, tanto nesta como na Villa de Campos do Rio Real. O Reverendo Cônego An-

2 Lacerda, 1832, pp. 4-5, in: SAJAD, Nelson. *Cólera e medicina ambiental no manuscrito 'Cholera-morbus' (1832)*, de Antônio Correa de Lacerda (1777-1852). Hist. cienc. saúde-Manguinhos vol.11 no.3 Rio de Janeiro Sept. /Dec. 2004.

tônio da Costa Andrade enviou diversos ofícios notificando o Governo Provincial sobre o possível retorno da epidemia, e que precisava de medidas urgentes para cuidar dos enfermos que cresciam assustadoramente. O Vigário também informou que a cólera afetou com mais intensidade a Povoação do Pracatu e adjacências.

O Governo da Província designou inicialmente para a Villa de Simão Dias, o acadêmico Dr. Benvenuto Pereira do Lago³, que havia servido na Villa de Socorro, em companhia do Tenente José Joaquim Pereira Mattos, trazendo consigo uma ambulância adquirida em Laranjeiras e a quantia de 500\$000 (Quinhentos Réis) para o tratamento dos doentes, enterramentos e outras despesas com os desvalidos.

Diante desta informação, o Presidente da Província Dr. João Dabney d'Avellar Brotero enviou o Provedor da Saúde Dr. Pedro Autran da Matta e Albuquerque

CHOLERA MORBUS.

Noticias exageradas se tem espathado sobre o cholera. Convém rectificar os factos para tranquillidade do espirito publico.

Em Campos desenvolveo-se a epidemia, que durou um mez e fez 37 victimas; cessou.

Em Simão Dias se derão alguns casos de cholera, e ultimamente alguns do cholera declarado. Forão-se augmentando desagradavelmente estes casos, e as ultimas noticias erão de que uma epidemia local ali se desenvolvera.

São dignos de elogios os serviços ali prestados pelo Dr. Provedor da Saude, Dr. Autran.

O governo tem tomado as precisas providencias. As pessoas competentes à quem se tem onvido, opinião que a epidemia não se generalisará.

De outros pontos nada ha que deva incutir por ora serios receios.

Trecho do jornal CORREIO SERGI-PENSE, Anno XX. Aracaju, publicação N° 41, de 03.10.1857, p. 03.

Fonte: Hemeroteca Digital

3 Capitão 1º Cirurgião, um dos heróis da epopeia do Forte de Coimbra e extraviado a caminho de Cuiabá, quando foi feito prisioneiro dos paraguaios, tendo sucumbido em terras estrangeiras como autêntico mártir. (Cf. SOUZA, Luiz de Castro. A medicina na Guerra do Paraguai (V): Mato Grosso. In: Revista de História. Publicada em 30.06.1969, p. 129-146.

Junior (1829-1886)⁴ e uma Comissão extraordinária de enfermeiros, com equipamentos necessários para socorrer as vítimas. Ele também enviou um destacamento de nove praças oriundos da Villa de Itabaiana, a fim de auxiliar as autoridades e prestar socorro aos enfermos indigentes. Para amenizar a fome que assolava os doentes da Villa de Simão Dias, o governo também forneceu da cidade de Laranjeiras 15 cargas de farinha, além de arroz e bolacha comprada na Casa de Victor José Antunes & Cia.

Ficou a cargo de Dr. Pedro Autran da Matta e Albuquerque Junior e do Delegado de Polícia de Simão Dias, alugar cavalos e condutores para ir a Laranjeiras buscar os provimentos e depois distribuir entre os enfermos. Para este fim, o Delegado em exercício Manoel José d'Andrade alugou 18 cavalos com seus respectivos condutores pelo valor estipulado de 72\$000 (Setenta e dois mil Réis).

Figura proba e de alto conceito no meio político deste Município, Manoel José d'Andrade havia acabado de chegar em Simão Dias, vindo da Villa do Bom Conselho, atual Cícero Dantas, com sua esposa Dona Rosa Fonseca Andrade e seu primogênito Sebastião da Fonseca Andrade, futuro líder político e benfeitor da Matriz de Senhora Santa Anna, que recebera do Papa o título de Comendador e Barão de Santa Rosa.

4 Nasceu em 05 de outubro de 1829, em Recife-Pernambuco. Filho de Pedro Autran da Matta e Albuquerque e de D. Francisca de Amorim Filgueiras Autran. Graduado pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1854. Membro da "Academia Imperial de Medicina do Brasil". Atuou como Médico Legista da Polícia da Corte. 1º Cirurgião do "Corpo de Saúde" da Armada Imperial. Cavaleiro da Imperial "Ordem da Rosa". Medalha "Campanha do Paraguai". Também exerceu os cargos de Inspetor de Higiene, diretor do Internato Provincial da Estância, Inspetor Geral das Aulas na Província de Sergipe e tornou-se Deputado. Faleceu em 15 de novembro de 1886, aos 57 anos, na cidade do Rio de Janeiro. Cf. <http://www.anm.org.br/pedro-autran-da-matta-e-albuquerque-junior/> Acesso em: 04.03.2021.



Modelo de Assistência ou Ambulância – Século XIX

Fonte: <https://cienciadoamanhã.com>

Manoel José de Andrade substituiu Félix José de Carvalho, que falecera de *Cholera Morbus* em 19 de setembro de 1857, aos quarenta anos de idade. Filho do Capitão Geraldo José de Carvalho com Maria Perpétua da Conceição, Félix José de Carvalho era casado desde 23 de maio de 1843 com Quitéria Maria da Rocha, oriunda da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade do Lagarto e futura esposa de Francisco Antônio de Loyola (Coronel Loyola), que casaram nesta Freguesia em 16 de fevereiro de 1860. Nesta Villa, além do delegado Félix José de Carvalho, o corpo do Destacamento de Polícia perdeu mais dois guardas. Manoel José de Andrade faleceu aos 55 anos de idade, em 08 de abril de 1869.

Para a Villa de Simão Dias foi aprovado também um posto sanitário e autorizado a fazer despesas com a dieta dos coléricos, fornecimentos de roupas e outros utensílios indispensáveis à bem da salubridade pública da Villa.

Para a região do Pracatu ou Paracatu, o Provedor fez seguir médicos, remédios e alimentos. O governo também gratificou o Inspetor de Quarteirão, o cidadão **Polycarpo Ferreira de Santa Anna**, que era encarregado do tratamento dos enfermos naquela região. A figura do Delegado ou Inspetor de Quarteirão surgiu em 1827, cinco anos após a Independência do Brasil e tinha como função intervir em casos de conflitos locais, na organização, defesa e nos serviços assistenciais do Povoado, além de efetuar prisões, se necessário. Em 1832, tiveram suas atividades regulamentadas e passaram também a fazer investigações, dar conselhos e resolver conflitos entre vizinhos.

Polycarpo Ferreira de Santa Anna era um cidadão afamado, residente na Povoação do Pracatu. Apesar de não ser encontrado nenhum registro de batismo, casamento e óbito na Freguesia de Senhora Santa Anna, seu nome aparece em diversos matrimônios



Caricatura de pessoas usando um poço infectado com Cholera-Morbus
Fontes: Biblioteca de Fotos Científicas

realizados na Igreja Matriz ou em residências particulares em meados do século XIX. Um deles foi o casamento de Nicolau Rodrigues Montalvão, ocorrido em 09 de maio de 1855, morador do mesmo Paracatu, filho de José Rodrigues de Sam Thiago e Anna Luzia do Espírito Santo, que casou no Sítio Baltazar, deste Município, com Thereza Marcolina de Jesus, filha de Felipe Nery Pereira e Anna Maria do Carmo. Neste consórcio, ele apadrinhou a cerimônia com seu irmão Adriano Ferreira de Circuncisão, um dos cidadãos

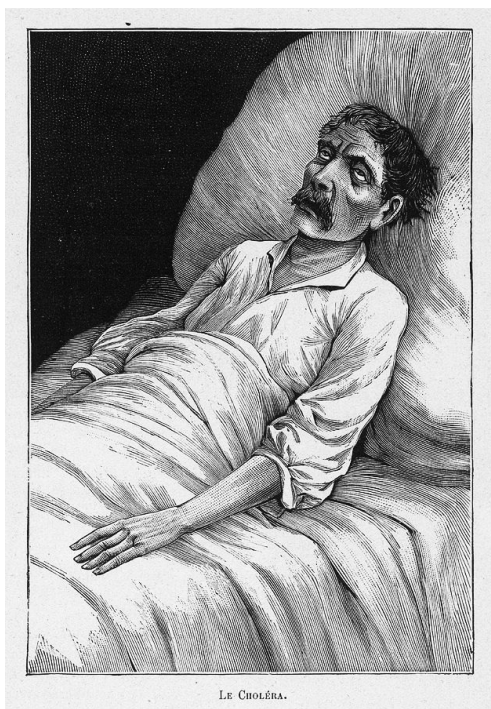
que concorreu ao cargo de vereador durante a primeira eleição Municipal da Villa de Simão Dias, porém, foi derrotado.

Conforme expediente de 03 de novembro de 1857, o Governo da Província escreveu ao Provedor da Saúde da Villa de Simão Dias Dr. Pedro Autran da Matta e Albuquerque Júnior, em resposta ao ofício de 28 de setembro do mesmo ano, contando que estava a par das providências tomadas na Villa e na região do Pracatu, dando-lhe o apoio necessário.

Quando a população sergipana acreditava que *Cholera Morbus* era um problema superado, a Província voltou a enfrentar o problema. Em agosto de 1862 uma nova epidemia teve início na Villa de Propriá e se alastrou por toda a região do Baixo São Francisco. As providências para debelar o mal foram adotadas imediatamente, com a nomeação dos médicos Thomaz Diogo Leopoldo e Manoel Antunes Salles, a fim de que estes enfrentassem o problema na cidade ribeirinha (SANTANA, 1997, p. 77). Entretanto, esta terceira onda epidêmica voltou a atingir as proximidades da Villa de Senhora Sant'Anna de Simão Dias no início do ano de 1863.

Esta Villa foi invadida pela *Cholera* em 04 de abril de 1863, iniciado pelo acometimento de um estafeta chamado Manoel da Conceição, solteiro, de 25 anos, funcionário da Agência de Correios de Aracaju, vindo da Villa de Itabaiana, portador de despachos, encomendas e cartas aqui distribuídas. Morto em menos de 48 horas, fora sepultado no Cemitério São João Baptista, em 06 de abril. “... e tão rapidamente diffundiu-se pelas immediações da Villa e por todo município, que no dia 19 estava senhora de todo elle, e feria com tal gravidade que quasi se contavam os mortos pelos affectados” (REGO, 1873, p. 133).

O Presidente da Província atribui ao Juiz de Direito da Villa de Lagarto Dr. Herculano Circundes de Carvalho, da qual Simão Dias era Termo, o dever de aplicar salutaes medidas e providências para



A Cólera Victim Date Circa é um desenho da Biblioteca de Imagens de Mary Evans.

socorrer as famílias e doentes coléricos da Villa de Simão Dias. Coube a presidência também de enviar recursos necessários à Villa como seis ambulâncias, trinta sacas com farinha de mandioca, onze barricas com bolachas, três sacas de arroz, meia barrica de araruta, cem carapuças, doze peças de baetas, trinta calças, quarenta camisas, doze peças de algodão (CORREIO SERGIPENSE, 05.07.1863, p. 02).

No dia 24 de abril chegou aqui o cirurgião Almerindo Fabião de Freitas Barretto Nobre, acompanhado do quintanista em medicina Joaquim de Carvalho Betamio, para tratar das pessoas desvalidas e acometidas pela peste, como era popularmente conhecida a *Cholera*, recebendo o bônus de 10\$000 (Dez mil Réis) por conta de suas diárias. Sua estada nesta Villa foi rápida, sendo no dia 18 de maio dispensado de seus serviços.

Antônio Samarone de Santana afirma que no caso da epidemia de 1862, o Presidente da Província Joaquim Jacinto de Mendonça havia adotado o modelo da Polícia Médica. Os médicos Francisco Sabino Coelho Sampaio, Guilherme Pereira Rebello e José João de Araújo Lima integraram uma comissão onde implementaram ações vigorosas e distribuíram, por toda a Província “uma

publicação contendo diversas instruções, conselhos e receituários para o tratamento da Cholera Morbus, sendo vastamente distribuída às autoridades, às comissões sanitárias dos distritos médicos, aos proprietários e fazendeiros da Província” (SANTANA, 1997, p. 77-78).

Como medidas sanitárias expedidas pelo aludido Presidente, foi nomeada para cada Villa, em 18 de abril de 1862, divididas por Comarcas e distritos sergipanos, uma comissão de distritos médicos, com funções distintas: Manter a limpeza da Villa, com a colaboração da força policial e agentes municipais; remover cadáveres dos lazaretos ou enfermarias para impedir o aumento de casos de *Cholera Morbus*; Não permitir quaisquer sinais funérios, enterros e encomendações pomposas; Os cadáveres que faleceram da epidemia seriam sepultados e depois cobertos por uma camada de cal, e as sepulturas comuns fariam em lugar reservado, inclusive em catacumbas, caso estas fossem também cobertas com uma camada de cal.

Nesta época, a Villa de Simão Dias estava enfrentando alguns casos de febre amarela, que chegou a vitimar aproximadamente 235 pessoas contra 120 vítimas de cólera no mesmo período. Para examinar o caráter desta epidemia de febre, foi enviado a Villa o médico Dr. Jacintho Silvano Santa Roza, trazendo consigo ambulância e instruções curativas para socorrer os enfermos. No final do semestre esta situação já havia sido controlada.

A obra *Memória Histórica das Epidemias da Febre Amarella e Cholera-Morbo...*, escrita por Dr. José Pereira Rego e publicada no Diário Oficial do Império do Brasil, em março de 1873, ele faz menção a esta nova e dolorosa situação na Villa de Simão Dias e noutras partes da Província:

“Em 1862, porém, manifestou-se nas Villas de Nossa Senhora das Dôres, Simão Dias, Lagarto, cidade das Laranjeiras, fazendo perto de 400 victimas, das quaes 52 na Villa das Dôres, onde atacou 510 pessoas, 235 em Simão Dias, onde propagou-se a todo termo, 50 no Lagarto e os

mais na cidade das Laranjeiras, onde seus estragos foram pouco sensíveis” (REGO, 1873, p. 55-56).

Estes dados estão de acordo com os relatórios do Presidente da Província, de 06 de março de 1863 e do Inspetor da Saúde, de 1864.

A comissão de distrito médico de Simão Dias era formada por Dr. Felipe Xavier de Almeida, Tenente Antônio Joaquim da Roxa, professor Francisco Mathias dos Santos Fernandes, José Joaquim de Santa Anna e Souza e o Vigário Cônego Antônio da Costa Andrade. Para presidir a comissão foi nomeado o Presidente da Câmara Municipal Coronel José Zacharias de Carvalho.

MORTALIDADE COLÉRICA NA VILLA DE SIMÃO DIAS



Caricatura inglesa do século XIX mostra “Cólera” remando ao longo do poluído rio Tâmisa em meio a esgoto e ratos mortos (1858).

Após o surgimento da *Cholera Morbus* no Brasil, muitas Câmaras Municipais passaram a proibir inumação de cadáver dentro das igrejas, passando, assim, a enterrá-los em cemitérios improvisados. Os corpos sepultados eram considerados focos pestilentos, um perigo a salubridade pública. As campas passaram a ser abertas em cemitérios afastados das Villas, sobretudo, em locais arborizados, para que as árvores filtrassem o ar. Nestes casos, para reabrir as covas eram estabelecidos um período de pelo menos dois a sete anos.

Durante o primeiro surto de cólera, o Livro de Óbito da Freguesia de Senhora Santa Anna registrou apenas três mortes, mas nenhuma delas foi de *Cholera Morbus*, e, sim, de moléstia crônica ou incógnita. Vítimas de cólera só aparecem nos registros da Paróquia em 1857, ambas enterradas no cemitério da Villa ou nos cemitérios improvisados, espalhados pelos quatro cantos do Município.

É importante frisar que desde o segundo quartel do século XIX, os mortos eram sepultados na Matriz, no Campo Santo de Senhora Sant'Anna e/ou no Cruzeiro de Senhora Sant'Anna, ambos distribuídos de acordo com suas posses. Na antiga Matriz construída pelo Capitão Geraldo José de Carvalho eram comuns sepulturas na tribuna, nave e alpendres da igreja. Grande parte das famílias abastadas da região eram sepultadas na nave ou tribuna da Igreja, enquanto que, os desvalidos, incluindo negros escravizados e índios, tinham seus corpos enterrados no alpendre da Matriz, no Cruzeiro ou no Cemitério dos "Missionários".

No início do terceiro quartel do século XIX, quando o Cel. José Zacharias de Carvalho estava à frente da administração da Villa de Simão Dias, deram início a construção do Cemitério São João Batista.

Apesar de utilizar o templo sagrado como campas para os fiéis defuntos, em 28 de outubro de 1854, o Livro de Óbito da Freguesia de Senhora Santa Anna já fazia registro do primeiro indivíduo a ser sepultado no Cemitério da Paróquia: Era a paroquiana chamada Silvéria Maria, parda, com idade de oitenta anos, viúva de Antônio

Bernardo. Com o aditamento populacional e o surgimento epidêmico da *Cholera Morbus* que assolava a região, a nova necrópole passou a ser usada pela municipalidade a partir de abril de 1856.

A abertura de novas sepulturas no Cemitério “dos Missionários” ou de Sant’Anna, já acumulados de campas, causava receio à população que estava de certa forma sujeitos a doença. Além disso, após a epidemia de 1855, até a Igreja Católica, e mais especificamente o clero sergipano, passaram a obedecer às ordens médicas sobre as regras de enterramentos em cemitérios públicos, e as igrejas ficou por um bom tempo servindo de sepultura apenas para os clérigos como o Cônego Antônio da Costa Andrade, Padre José Joaquim Luduvige, Padre José Marinho Duarte e o Cônego Philadelpho Macedo, e para parte das famílias abastadas de Simão Dias, pelo menos até o início do último quartel do século XIX. Na primeira metade do século XX, foram apenas sepultos na Matriz de Senhora Santa Anna, o Barão e a Baronesa de Santa Rosa, eméritos benfeitores da Freguesia, além do Juiz de Direito e ex-Intendente Dr. Tito Lívio Vieira Dortas e sua esposa Joaquina Andrade Dortas.

Em se tratando do Cemitério Paroquial, o Governo da Província, a título de auxílio, por meio da Lei Nº 785, de 24 de março de 1868, reverteu por espaço de dois anos os impostos das reses abatidas para a reedificação e conclusão da necrópole, como antes havia sido sancionada para a construção da Igreja Matriz:

“Art. 1º - Fica em inteiro vigor, por mais um biênio a Resolução Nº 309, de 19 de janeiro de 1851.

Art. 2º - O producto da receita creada pelo Artigo 1º da dita Resolução será applicada na reedificação e conclusão do cemitério de São João Baptista na Villa de Simão Dias.

Art. 3º - A presente resolução terá seu inteiro vigor do dia 1º de julho deste ano em diante.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário” (DEDA: 1967, p. 183).

Segundo o CORREIO SERGIPENSE, de 23 de julho de 1864, para a construção da nova necrópole, o Presidente da Província Dr. Cincinato Pinto da Silva, já havia destinado 500\$000 (Quinhentos Réis). Depois de reedificado, a população passou a utilizá-lo constantemente, deixando aos poucos o Cemitério dos Missionários ou Campo Santo de Senhora Sant'Anna, até lacrá-lo definitivamente no último quartel do século XIX. A nova Necrópole recebeu o nome de São João Baptista em homenagem ao Monsenhor João Batista de Carvalho Daltro, descendente do doador do patrimônio da Freguesia de Senhora Santa Anna e vigário da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Lagarto desde 24 de junho de 1875. Vale ressaltar que o Monsenhor Daltro também foi vigário desta Freguesia, mas como coadjutor do Cônego Antônio da Costa Andrade.

Para a região do Pracatu ou Paracatu, o governo aprovou o estabelecimento de um cemitério no lugar denominado Boca da Mata, que fica nos seus limites, basicamente nas proximidades do atual Paracatu de Cima. Este cemitério foi dedicado a São Cosme e São Damião, conforme está registrado no Livro de Óbito da Paróquia de Senhora Santa Anna. Abaixo listamos as vítimas fatais enterradas neste cemitério:

JOSÉ: Pardo, morreu em 27.09.1857 com 06 anos de idade, filho natural de Antônia Maria.

MARIA ANTÔNIA: Índia, morreu em 27.09.1857 com idade de 40 anos, viúva de José Antônio da Silva.

JOSEPHA MARIA: Índia, morreu em 27.09.1857 com 32 anos de idade, solteira.

ANTÔNIA MARIA: Parda, morreu em 27.09.1857 com 22 anos de idade, solteira.

LOURENÇA MARIA: Parda, morreu em 27.09.1857 com 56 anos de idade, viúva de Manoel Coelho.

VICÊNCIA MARIA: Parda, morreu em 27.09.1857 com 35 anos de idade, casada com Antônio Ferreira.

FRANCELINA: Branca, morreu em 29.09.1857 com idade de 02 anos, filha de José dos Santos Carregosa e Joaquina Maria.

MARCELLA MARIA BARBOSA: Parda, morreu em 29.09.1857 com idade 60 anos de idade, viúva de Nicolau José dos Reis.

ALEXANDRE: Preto africano, escravo de Manoel de Sena, morreu em 29.09.1857 com idade de 40 anos, solteiro.

PEDRO JOSÉ SANT'ANNA: Branco, morreu em 29.09.1857 com idade de 25 anos, casado com Francisca Xavier.

JOÃO DE SOUZA: Pardo, morreu em 29.09.1857 com idade de 40 anos de idade, casado com Justina Maria.

JOÃO ANTÔNIO: Branco, morreu em 29.09.1857 com idade de 30 anos, casado com Verônica Maria de Jesus.

MANOEL: Pardo, morreu em 29.09.1857 com idade de 15 anos, filho de Theotônio Gomes e Maria dos Santos.

CLAUDINO: Pardo, morreu em 29.09.1857 com idade de 09 anos, filho de João Victorino de Oliveira e sua escrava Maria de Jesus.

JOSÉ VICENTE: Pardo, morreu no dia 30.09.1857 com idade de 36 anos, casado com Alexandrina Maria.

ANTÔNIO BARBOSA: Pardo, morreu no dia 02.10.1857 com idade de 23 anos, solteiro.

JOÃO RODRIGUES: Pardo, morreu em 02.10.1857 com idade de 21 anos, solteiro.

LOURENÇO RODRIGUES: Pardo, morreu em 02.10.1857 com idade de 56 anos de idade, viúvo de Felippa Maria.

HELENA MARIA: Parda, morreu em 03.10.1857 com idade de 60 anos, casada com Pedro José.

MARIA DE JESUS: Parda, morreu em 03.10.1857 com idade de cinco semanas, filha natural de Antônia Maria.

JOANNA: Parda, morreu em 03.10.1857 com idade de 05 anos, filha de José Procópio de Souza e Maria José.

MAXIMIANA: Parda, morreu em 06.10.1857 com idade de 18 anos de idade, filha do falecido Vidal Pereira de Souza e sua esposa Maria Joaquina Pereira.

MARIA: Parda, morreu em 06.10.1857 com idade de 12 anos, filha natural de Antônia Pereira.

JOSÉ: Pardo, morreu em 08.10.1857 com idade de 10 anos, filha natural de Maria Pereira (Viúva).

JANUÁRIO: Pardo, morreu em 09.10.1857 com idade de quinze dias, filho de Manoel da Hora e Luzia Maria.

Assim como no Paracatu, outros povoados construíram cemitérios para as vítimas fatais da *Cholera*, como foi o caso da Carahíbas, Ladeira Grande, Boqueirão do Vaza-barris, Cumbe, Malhada Vermelha, Alecrim, Pau Preto e Saloubra.

OBTUÁRIO COLÉRICO GERAL DA VILLA DE SIMÃO DIAS



Esboço de uma menina que morreu de cólera, em Sunderland, em novembro/1831.

Fonte: Coleções da Biblioteca Nacional de Medicina

Durante o período em que a *Cholera Morbus* assolou a Villa de Simão Dias, o jornal O CORREIO SERGIPENSE nos apresentou uma parcial da taxa de mortalidade em alguns periódicos. Em 19 de

dezembro de 1855 já tinha atingido 233 pessoas, havendo dias de 45 mortos e nunca menos de 20. A declinação da epidemia ocorreu em 23 de janeiro de 1856, onde já excedia o número de 500 vítimas.

Segundo NETO, “Neste lugar, o cólera-morbo não diminui sua virulência. No início de 1856, em apenas 18 dias, a presidência da província recebeu o registro de 254 (duzentos e cinquenta e quatro) vítimas fatais na localidade, uma média diária de quatorze mortes. Houve dias, revela o delegado, ‘de se sepultarem 45 (quarenta e cinco) corpos’. Com tanta demanda, ele avisa atormentado, ‘já sucede ficarem alguns corpos para se enterrarem de hum para outro dia, porque as pessoas que cuidão do serviço do simitério são pobres e precisam também de socorrer suas famílias’. Um clima de transtornada diligência acomete o lugar. Aproximadamente, cerca de 10% dos habitantes de Simão Dias faleceram” (2011, p. 71).

Antônio Samaroni cita em seu artigo “A Grande Peste em Sergipe – A Cholera de 1855”, publicado em 03 de abril de 2020, a relação oficial da mortalidade causada pelo *Cholera Morbus*, na Província de Sergipe, desde meados de setembro de 1855 a janeiro de 1856, dados que consta no Relatório do Barão de Maruim datado de 27 de fevereiro de 1856:

“Cidade de Laranjeiras – 3.500 óbitos; Villa de Lagarto – 1.374 óbitos; Vila de Socorro - 1.306 óbitos; Villa de Propriá- 1.246 óbitos; Villa de Capela – 1.000 óbitos; Villa do Rosário – 925 óbitos; Cidade de Estância – 890 óbitos; Villa de Itaporanga – 852 óbitos; Freguesia do Pé Branco – 686 óbitos; Villa de Simão Dias – 506 óbitos; Villa Nova do Rio Formoso – 401 óbitos; Villa de Itabaiana – 338 óbitos; Freguesia da Pacatuba – 311 óbitos; Cidade de São Cristóvão – 300 óbitos; Missão da Japarutuba – 297 óbitos; Villa de Santo Amaro – 275 óbitos; Villa de Itabaianinha – 201 óbitos; Capital do Aracaju – 142 óbitos; Villa de Santa Luzia – 134 óbitos Villa do Espírito Santo – 132 óbitos;

Villa de Nossa Senhora dos Campos – 89 óbitos; Freguesia do Campo do Brito – 66 óbitos; Arraial dos Pintos – 66 óbitos; Barra dos Coqueiros – 46 óbitos; Villa de Divina Pastora – 20 óbitos; Distrito dos Enforcados – 19 óbitos.”

A taxa de mortalidade nas cidades, Villas e Freguesias totaliza 15.122 pessoas. Estes dados coincidem com os mesmos citados na obra *“Memória Histórica das epidemias da Febre Amarella e Cholera-Morbo que têm reinado no Brasil”*, de Dr. Pedro José Pereira Rego, publicada em março de 1873, p. 126, e correspondem a meados de setembro de 1855 a 27 de fevereiro de 1856, quando parecia extinta, sem contar com os mortos da cidade de Maruim, onde também a doença fez notáveis estragos, e do distrito de Santa Rosa, cuja relação não foi enviada na época.

Seu reaparecimento no final do triênio 1855-1857, embora tenha se irrompido em curta duração, ela difundiu-se com muita gravidade na Villa de Simão Dias, acometendo 373 pessoas, das quais morreram 249, consequentemente três quartos dos infectados, segundo dados citados por REGO, 1873, p. 128.

Segundo o CORREIO SERGIPENSE, em fins de setembro de 1857 a taxa de mortalidade havia reduzido para 15, diariamente, e em 02 de novembro foi suspenso o recrutamento da Villa. Ainda neste diário, único da Província na época, foi publicado um relatório, com que foi aberta a 1ª Sessão da 12ª Legislatura da Assembleia Provincial de Sergipe, no dia 15 de abril de 1858, pelo Presidente do Estado Dr. João Dabney d’Avellar Brotero, onde num de seus trechos que trata da saúde pública da Província, diz:

“(…) Nenhuma grande epidemia se deu n’esta Província no anno próximo findo. – Apenas nos municípios de Campos, e Simão Dias no Sul da Província nos mezes de Agosto e Setembro último desenvolveo-se uma epidemia local com todos os caracteres do cholera morbus que chegou a fazer notável estrago no ultimo d’aquelles municípios. Relatando-vos as

providencias que dei em favor da população d'aquelles municípios, devo dizer que apenas recebi as participações que mim transmittião a notícia do apparecimento da epidemia que em Campos foi no principio de agosto supracitado, victimando no seu primeiro assalto desessete vidas, e em Simão Dias no fim do mesmo Agosto, onde o estrago foi maior, não dormir o sono da inércia e da apathia sobre o leito do pobre ferido, e o que mais he, torturado de fome: – fui sôfrego, e vigilante em soccorre-lo. (...) Felizmente a epidemia em Campos não dessiminou pela massa da população, e reinando por poucos dias, em setembro foi considerada extincta, tendo sido accommettidas cincoenta e uma pessoas, restabelecendo-se vinte e três e morrendo vinte oito. Em Simão Dias, porém, o mal que tivesse igual duração seu estado não foi tão deminuto. Trezentas e setenta e três pessoas foram delle accommettidas, e d'esttas morrerão duzentas e quarenta e nove, e salvarão-se cento e vinte quatro. (...). Para occorrer as despesas com os soccorros públicos em prol da população dos dous pontos da Província, de quem tenho tractado, abri um crédito de seis contos de réis que o Exm. Sr. Ministro do Império e Fazenda se dignarão de approvar, e, a vista da parcimônia, e severa economia que escrupulosamente guardei, e fiz guardar, as despesas feitas por conta d'aquelle crédito, pagas até 11 de fevereiro deste anno, montarão em réis, um conto e novecentos e oitenta e três mil e seiscentos” (CORREIO SERGIPENSE, Anno XXI, Nº 19, 28.04.1858, p. 01-02).

Apesar de mais branda, a *Cholera Morbus* de 1863 fez diversas vítimas fatais. A primeira delas, morto em 06 de abril, foi o estafeta Manoel da Conceição, que já citamos anteriormente. “*Em 27 de abril de 1863 em que já declinava sensivelmente os mortos era de 120*” (REGO, 1873, p. 134). Segundo o Livro de Registro de Óbitos da Paróquia de Senhora Santa Anna, entre os dias 06 de abril a 09 de junho de 1863, a distribuição de mortos por *Cholera* na Villa de Simão Dias estava assim discriminada:

LOCAIS DE ENTERRAMENTOS	NÚMERO DE MORTOS
Cemitério São João Baptista	40
Cemitério das Carahibas	36
Cemitério do Buqueirão do Vasabarris	07
Cemitério do Pau Preto	01
Cemitério da Malhada Vermelha	04
Cemitério do Cumbe	01
Cemitério da Saloubra	02
Cemitério da Ladeira Grande	02
Cemitério de Alecrim	03
TOTAL	96

Fonte: Livro de Óbito da Paróquia de Senhora Santa Anna – Livro 3b (1853-1878)

Entre as causas mortis não registradas na tabela acima, no período de abril a junho de 1863, aparece também moléstia incógnita, sarampo, catarro, inchação, mal de umbigo, parto, cursos, maligna, etc., mas com uma totalidade ínfima, comparando as vítimas de *Cholera Morbus*. A última vítima fatal desta terceira onda endêmica, inumada no Cemitério São João Baptista, foi uma criança com idade de seis anos, chamada Manuel, filho de Antônio Ferreira Felisberto e sua mulher Vicência Maria.

No terceiro quartel do século XIX, anos pós epidemia de *Cholera Morbus* e a terrível infecção de variolosos de 1879, a população de Simão Dias foi acometida também por um surto de desintéria, que grassou em princípio de maio e o fim de outubro de 1867, vitimando, sobretudo, as crianças, e superando um total de 97 mortes, conforme apresenta o minucioso relatório do Inspetor de Saúde da Província, enviado na época à capital do Império.

CAPÍTULO II

VARÍOLA OU PESTE DAS BEXIGAS

ANTIGA INIMIGA DA VILLA DE SENHORA

SANTA ANNA DE SIMÃO DIAS

Outra doença que atacou violentamente a Villa de Senhora Santa Anna de Simão Dias, na segunda metade do século XIX, foi a Varíola. Também conhecida como peste das bexigas, é uma doença infecciosa causada por duas estirpes de vírus — varíola *major* e varíola *minor* ou *alastrim*. A primeira é um tipo letal da doença e a última possui os mesmos sintomas, porém, moderados.

O período de incubação médio da Varíola é de doze dias. Depois disso, os sintomas surgem de maneira abrupta, marcados pelo surgimento de febre alta, dores de cabeça, dores no corpo, abatimento e calafrios. Esses sintomas



Imagem de um doente de Varíola.
Revista ilustrada oficial da Organização
Mundial da Saúde. Maio de 1980.

têm duração de aproximadamente quatro dias, e, depois progride para a forma mais grave, com redução da febre e surgimento de erupções na pele.

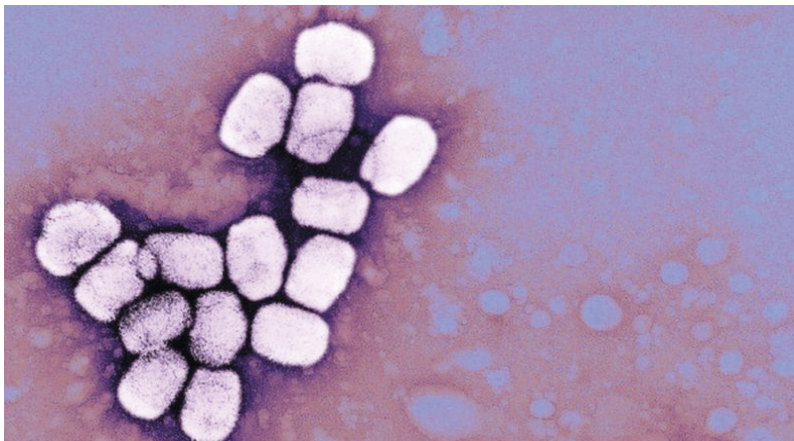
Os historiadores acreditam que a Varíola teve origem na África, antes mesmo da era cristã, e de lá espalhou-se pela Índia, através dos antigos comerciantes egípcios. Calcula-se que a Varíola foi introduzida na Europa entre os séculos V e VII, com epidemias frequentes durante a Idade Média. Entre os séculos XI e XV, a doença atingiu praticamente toda a Europa, deixando rastro de mortes, cegueira e cicatrizes irreversíveis.

Não sendo uma doença nativa das Américas, a peste das bexigas foi introduzida neste Continente pelos europeus durante a sua colonização. O primeiro caso ocorreu em 1507, na Ilha Hispaniola, atual República Dominicana e Taiti, levando metade da população local a morte. É importante lembrar que, os povos nativos da América foram duramente atingidos nos séculos seguintes, inclusive com a extinção de alguns deles, e sua disseminação estava estritamente associada ao tráfico de escravos.

Aqui no Brasil, a história deste terrível flagelo foi trazida no século XVI, pelos colonizadores portugueses, oriundos da Europa e da África. Ela é citada pela primeira vez em 1563, na Ilha de Itaparica-BA, alastrando-se para Salvador, dizimando cerca de 30.000 pessoas, mormente, indígenas. Até o final do século XVIII, a Varíola constituía verdadeiro flagelo humano, ceifando vidas ou desfigurando o rosto dos sobreviventes com cicatrizes permanentes e perda de visão.

Calcula-se que a Varíola teria causado maior número de óbitos nos três primeiros séculos de colonização, do que todas as outras doenças reunidas.

A VARÍOLA EM SIMÃO DIAS: marcas profundas de uma experiência dolorosa



Varíola é causada por um vírus

Na Província de Sergipe, a epidemia de Varíola alastrou-se ao longo do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, contudo, nem sempre atingiu com fereza a Villa de Simão Dias. Aqui, ela chegou com maior intensidade no início do último quartel do século XIX e no final da primeira década do século XX.

Apesar das precauções que o governo tomava para evitar o possível contágio de doenças infecciosas depois da Província sofrer três surtos pandêmicos da *Cholera Morbus*, nada impediu que outras epidemias se alastrassem pelas Villas, a exemplo da Varíola.

Na Villa de Simão Dias, a peste das bexigas atingiu o município entre os meses de julho e setembro de 1870, durante a estação invernososa, em caráter grave, causando bastante perdas, dentre elas, a morte de Ignacio Antônio de Loyola, pai do eminente líder político conservador Francisco Antônio de Loyola (Coronel Loyola), que falecera aos 74 anos, no dia 19 de julho de 1870,

dias depois de sepultar duas de suas escravas: Rita, párvula, de um mês de idade, morta em 15 de julho; e Francisca, de 70 anos, que morreu em 17 de julho.

Segundo dados apresentados pelo Inspetor de Saúde da Província e citado no relatório do Presidente da Junta central de Higiene Pública do Império/RJ, a Varíola também chegou a atingir a Villa de Simão Dias em 1867 e 1872, mas com pouca intensidade.

Já entre fevereiro e agosto de 1879, a peste das bexigas, importada da Província da Bahia, se manifestou fortemente na Villa de Simão Dias. No início da epidemia, a Villa estava sofrendo com um pequeno surto de sarampo, que afetara uma parcela mínima da população. Neste período, cerca de 200 pessoas foram infectadas, e destas, faleceram 29. Seus efeitos não foram mais graves, em virtudes das providências tomadas pelo Presidente da Província Teófilo Fernandes dos Santos, que prontamente socorreu a população e empregou a vacinação em larga escala, aumentando o número de pessoas vacinadas para 680, e das que aproveitaram a inoculação para 649.

O Juiz Municipal deste Termo, Dr. Lourenço Freire de Mesquita Dantas, notifica ao Presidente da Província, em 08 de junho de 1879, o novo surto da Varíola. Nesta ocasião já havia falecido três vítimas. Segundo o ofício, o eminente Juiz Municipal solicitou também o auxílio do governo em favor dos desvalidos e a adoção de providências para extinguir o referido mal.



Dr. Lourenço Freire de Mesquita Dantas
(1848-1902)

Em resposta ao Ofício, o Presidente Teófilo Fernandes dos Santos nomeou uma Comissão para distribuição de socorros aos desvalidos, liberando um auxílio equivalente a 200\$000 (Duzentos mil Réis), através da Tesouraria da Fazenda, a quem deveriam prestar conta. Fazia parte desta Comissão de Socorros, o Vigário da Freguesia Cônego Antônio da Costa Andrade, o próprio Juiz Municipal deste Termo, Dr. Lourenço Freire de Mesquita Dantas e o Delegado de Polícia Antônio José Ribeiro.

O procurador da Comissão de Socorros Tenente Antônio Martins de Gois Fontes ficou a cargo de receber a quantia estipulada pelo governo. Este valor pago foi alterado em setembro de 1879 para 3.000\$500 (Três Mil e Quinhentos Réis). O tenente supradito era filho de Francisco Xavier de Góis e Maria José da Piedade, importante linhagem, oriundos de Villa de Lagarto.

O Juiz Municipal Dr. Lourenço Freire de Mesquita Dantas chegou a licenciar-se do cargo em 22 de setembro de 1879, por um curto espaço de tempo, e foi substituído interinamente pelo primeiro suplente de Juiz Municipal e de Órfãos, Francisco Antônio de Loyola (Cel. Loyola). Este já havia ocupado o mesmo cargo, entre os dias 04 a 13 de abril, e de 25 a 27 de agosto deste mesmo ano.

O Comissário Vacinador da Província ficou encarregado de habilitar o cidadão Martinho de Paula Menezes (Comissário Vacinador da Villa de Simão Dias), com uma porção de pus vacínico do qual se podia dispor e o recomendá-lo para coordenar a atividade de vacinação da população simãoadiense, tomando todas as cautelas possíveis, conforme as orientações da ciência. Deste método de vacinação falaremos adiante.

Martinho de Paula Menezes foi nomeado Comissário Vacinador, por Ofício Nº 01, de 12 de abril de 1879, substituindo José Felipe de San Thiago, que havia sido exonerado

do referido cargo, conforme publicou o diário JORNAL DE SERGIPE, de 08 de maio de 1879, p. 01. Em meados do século XIX exerceu a função de vereador na Vila de Lagarto, sua terra natal. Martinho de Paula filho do Major Gonçalo Tavares de Menezes e Maria Luduvina da Silveira. Casou três vezes, sendo que seus dois últimos casamentos foram na Freguesia de Senhora Santana de Simão Dias. Seu primeiro enlace ocorreu na Freguesia de Nossa Senhora da Piedade, em 06 de setembro de 1845, com D. Felicidade Josephina de Lima, filha do Capitão Antônio José Ferreira Lima e Josepha Adriana Lima. Viúvo, e já residindo nesta Villa, casou em 30 de abril de 1864 com Anna Balbina de Jesus, filha de Alexandre Correia Freire Dantas e Marcela Francisca de Jesus, que falecera aos dezoito anos, em 05 de outubro de 1866. Em 29 de agosto de 1868 contraiu matrimônio com Dona Simplícia Francisca da Fonseca, filha de João José da Fonseca e Quitéria Francisca dos Santos. Esta última o deixou mais uma vez viúvo, em 21 de janeiro de 1881, quando faleceu aos 40 anos de idade. A data de sua morte é desconhecida.

Os variolosos foram sepultados no Cemitério São Theóphilo, situado no subúrbio da Villa de Simão Dias, erguido exclusivamente para enterrar as vítimas deste mal. A necrópole recebeu este nome em homenagem ao Presidente da Província Theóphilo Fernandes dos Santos. As primeiras vítimas nele inumadas foram: **Domingos José de Morais Camarão**, com idade de 30 anos, falecido em 03 de junho de 1879, filho de José Gregório Monteiro e Maria Juliana do Sacramento; **Antônio Félix de Souza**, com idade de 32 anos, casado com Maria do Nascimento de Jesus; e **Honória**, adulta de 10 anos de idade, filha de Vicente José da Costa e Brasilina das Virgens Costa, falecida em 11 de junho de 1879.

Anna Maria do Espírito Santo, apesar de pertencer a uma família abastada da Villa de Simão Dias, também foi inumada

neste cemitério, em 09 de julho de 1879. Ela morreu de Varíola e complicação do parto, aos 28 anos de idade. Era filha do Tenente Antônio José do Espírito Santo e Joanna Maria do Espírito Santo, e neta do casal Joaquim José de Mattos e Maria Margarida de Jesus, proprietários da Fazenda Nova da Dionísia e de outras fazendas deste Município, e sobrinha do Padre João Antônio de Figueiredo Matos, vigário colado da Freguesia de Villa de Campos (atual Tobias Barreto). Ela estava casada com o italiano Brás Antônio Simões, seu segundo consorte, filho de Nunciado Simões e Maria Felis Mandarinho. O primeiro casamento ocorreu em 20 de abril de 1869, com o Professor de Aracaju José Joaquim de Oliveira, filho de Manoel José de Sant'Anna e Victorina Perpétua do Bomfim. O filho nascituro chamado de **Martiniano** morreu dez dias depois, também da varíola.

Outras vítimas de Varíola foram sepultadas em outras necrópoles. O Livro de Óbito da Paróquia menciona o enterramento de **Andrelina Maria de Jesus**, de 31 anos, na Santa Cruz do Mulungu. Ela morreu em 28 de junho de 1879 e era casada com Cândido Ferreira de Jesus e filha do Tenente Antônio Joaquim da Rocha, político influente na Villa de Simão Dias. Este assumiu diversos cargos públicos, dentre eles, o de subdelegado de Polícia e o de Presidente da Câmara de Vereadores (1857-1860), no período de enfrentamento do segundo surto epidêmico de *Cholera Morbus* na Villa. Andrelina também era neta de Joaquim José de Mattos, possuidor do Engenho Fazenda da Nova Dionísia, acima citado.

Apesar de já estar em funcionamento desde o início da epidemia, o cemitério dos variolosos de Simão Dias foi bento pelo Vigário Cônego Antônio da Costa Andrade, em 12 de outubro de 1879.

Por ordem do Presidente da Província, foram enviados do Município de Laranjeiras para Simão Dias, ambulância e medicamentos. Para que a Tesouraria da Fazenda efetuasse o pagamento

destes produtos, a presidência designou o farmacêutico Simeão da Motta Rabelo para enviar provas de tudo que a Villa recebeu.

Na década seguinte, a Varíola volta a manifestar-se na Villa de Simão Dias, conforme foi oficiado ao Presidente da Província Dr. Jerônimo Sodré Pereira, no dia 18 de agosto de 1889. Uma das providências tomadas pelo Executivo Provincial foi o reenvio de ambulância, serviço de vacinação e revacinação da população, para que se evitasse mais a propagação da doença, que já estava bem adiantada. Assim, como em 1879, os medicamentos foram enviados da cidade de Laranjeiras pelo farmacêutico Simeão da Motta Rabelo.

Em 23 de agosto de 1889, o médico Dr. Manoel Baptista Itajahy⁵ foi nomeado para tratar dos variolosos desta Villa, conforme publicou o jornal A REFORMA, em 12 de setembro de 1889, p. 2.

O Delegado de Higiene da Villa era o recém-graduado médico Dr. Jovinião Joaquim de Carvalho, que foi denunciado pelo delegado de polícia de Simão Dias, Tenente Ezequiel Propheta do Nascimento⁶, por haver abandonado os pobres flagelados da

5 Nasceu em 28 de junho de 1854 na Fazenda Retiro, do Município de Lagarto-SE e faleceu em Aracaju, em 31 de janeiro de 1918. Filho de João Baptista de Jesus e Joaquina Maria do Sacramento. Depois de ter feito sua primeira instrução em Lagarto, estudou no Colégio do Professor Fabrício Vampré em Simão Dias, nos Colégios São Salvador e Parthenon Sergipense em Aracaju, completando o curso preparatório no Parthenon Baiano, em Salvador-BA. Matriculado em 1881 na Faculdade de Medicina da Bahia, recebeu o grau de doutor em 18 de dezembro de 1886. (Cf. GUARANÁ, 1925, p. 203)

6 Alferes, comerciante, padeiro, latoeiro e rábula, nascido em 1851 na Freguesia do Bom Conselho, atual Cícero Dantas-BA, filho de Manoel Soares do Nascimento e Joana Baptista de Jesus. Casou-se na Matriz de Senhora Sant'Anna com Belarmina Maria do Amor Divino, em 01 de setembro de 1873, com quem viveu 08 anos, quando a mesma falecera por complicações no parto em 14 de novembro de 1880. Em 21 de novembro de 1882 casou-se novamente com Mirena Satyra de San Tiago. Em 01 de dezembro de 1889 Ezequiel Propheta do Nascimento foi eleito vice-presidente do Clube Republicano "Silvio Romero", fundado pelo grupo aliado do Capitão Sebastião da Fonseca Andrade. Morreu nas Matas de São João-Bahia. [Grifo nosso: Dados extraídos dos Livro de Registros de Casamento da Freguesia de Senhora Santana de Simão Dias]; (A SEMANA, 04.10.1958 p. 01)

Varíola. A denúncia foi feita por meio de um Ofício, datado de 29 de agosto de 1889.

Ezequiel Propheta foi nomeado Delegado de Polícia, por Ato do Presidente Dr. Jerônimo Sodré Pereira, em 13 de julho de 1889. Ele já havia sido nomeado Tenente da 5ª Companhia do Batalhão de Polícia da Simão Dias, pelo Presidente Luís Alves Leite Bello, em 26 de março de 1881.

Ciente das denúncias, Dr. Joviniano Joaquim de Carvalho enviou um ofício ao Presidente Dr. Jerônimo Sodré Pereira, confirmando que realmente havia viajado para Salvador-BA, quando ainda não havia se manifestado na Villa, a epidemia de Varíola, e que, assim que retornou a Simão Dias, tomou todas as providências necessárias, inclusive, assumiu as funções do médico Dr. Manoel Baptista Itajahy, que havia abandonado o cargo. Este último, também fora denunciado pelo Tenente, por ter abandonado a população em pleno enfrentamento da Varíola, como veremos adiante. Veja, a seguir, trechos do Ofício do eminente clínico Dr. Joviniano de Carvalho, dirigido ao Conselheiro Presidente da Província, em 13 de setembro de 1889:

“Apresso-me em responder o officio de v. exc. de 10 do corrente mêz, hoje recebido. É verdade que fui a Bahia em princípio do mez de Agosto, a negócio de minha profissão e de minha família, e quando daqui sahi não se havia manifestado a epidemia da varíola, que actualmente grassa nesta villa. Aqui chegando verifiquei a sua existência, e incontinente puz em movimento os meus serviços e mim tenho tornado incansável, como bem puderam informar a v. exc., as autoridades deste termo e a população geralmente. Já mim dirigi ao dr. inspetor de hygiene solicitando tubos com linphas vaccinicas e participando a existência da citada epidemia. Ao chegar encontrei officio de v. exc. communicando-me haver incumbido um facultativo para o tratamento dos variolosos,

mas num procurei levar ao alto conhecimento de v. exc., que até a presente data todo o serviço tem estado ao meu cargo, porque o facultativo commissioned por v. exc. abandonou a população” (A REFORMA, 18.09.1889, p. 3).

Natural da Villa Patrocínio do Coité, atual Paripiranga-BA, Dr. Joviniano Joaquim de Carvalho nasceu em 05 de maio de 1856, filho do Capitão Joaquim José de Carvalho e Maria Prima Salomé de Carvalho. Feitos os estudos primários e concluídos o de Humanidades, seguiu para a Bahia de São Salvador, onde se formou doutor em Ciências médico-cirúrgicas pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 14 de julho de 1881. Casou-se em 24 de maio de



**Dr. Joviniano Joaquim de Carvalho
(1856-1929)**

Fonte: Memorial de Simão Dias

1883, com D. Josepha Freire de Carvalho (1867-1923), filha do Coronel Antônio Manoel de Carvalho e Josepha Emília de Mattos Freire. Além de ocupar, por diversas vezes, a função de Intendente Municipal no início do século XX, Dr. Joviniano Joaquim de Carvalho também foi eleito Deputado Federal pelo Estado de Sergipe para o biênio de 1901-1902; reeleito para o triênio 1903-1905; renovando seus mandatos nos pleitos seguintes, até sua última Legislatura 1912-1914.

O médico Dr. Joviniano de Carvalho não se envolveu apenas nesta polêmica. O jornal A REFORMA, de 28 de setembro

de 1889, publicou uma denúncia de Manoel Antônio da Cruz Andrade (Manoel Munganga), criticando a atitude do eminente clínico, de manter aberta ao público sua farmácia, que foi comprada ao seu antigo proprietário e farmacêutico Ramiro Ramos de Oliveira. Esta decisão, segundo o denunciante, vai contra o regulamento sanitário do Império, visto que o mesmo ocupava um cargo de alta relevância na Villa. No manifesto Manoel Munganga solicita a Inspetoria de Saúde da Província, que mande Dr. Joviniano Joaquim de Carvalho fechar a botica, visto que, além de ser contra o regulamento mantê-la aberta, seus medicamentos são também vendidos por um caixeiro inexperiente.

A Lei pela qual o denunciante citou tinha como base o Artigo 48, do Decreto Nº 9.554, de 03 de fevereiro de 1886, no qual determinava que o exercício simultâneo da medicina e da farmácia era expressamente proibido, ainda que o médico possuísse o título de farmacêutico. Esta alteração entre ambos era decorrente da disputa política local. Manoel Antônio da Cruz Andrade pertencia ao Partido Conservador, liderado pelo seu sogro Coronel José Zacharias de Carvalho. Dr. Joviniano era adepto dos ideais liberais.

Quanto às denúncias feitas contra o médico comissionado Dr. Manoel Baptista Itajahy, de ter abandonado a população em pleno enfrentamento da Varíola no dia 13 de setembro de 1889, o delegado de Polícia Ezequiel Propheta do Nascimento enviou um ofício ao Presidente Dr. Jerônimo Sodré Pereira, explicando o fato:

“Delegacia de Polícia da Villa de Simão Dias, 13 de setembro de 1889.

Ilmo. e Exmo. Sr. – Em resposta ao ofício de v. exc. de 10 do corrente, hoje recebido, cumpre levar ao dito conhecimento de v. exc. que a varíola continua assolar a população desta villa, já tendo feito diversas victimas, conforme officiei a v. exc., sendo o maior número de atacados pessoas desvalidas, motivo porque solicitei de

v. exc. um crédito em favor da população desvalida que até o presente tem sido sustentada por mim em dinheiro tomado a particulares. Confirmo o que já disse a v. exc. em meu officio passado relativamente ao médico commissionedo, o qual não visitando um só enfermo, abandonou completamente a população foragindo-se para a cidade de Lagarto, onde se acha, e tendo eu, o mandado chamar há dias ainda não chegou. Cumpre-me mais levar ao conhecimento de v. exc. que tenho empregado todos os meios no meu alcance com o dr. delegado de hygiene, que, tendo chegado da Bahia, encontrando desenvolvida a pandemia, tomou a seu cargo todo serviço médico, e se tem tornado incansável applicando todos os meus recomendados pela sciencia com a fim de debellar a epidemia e socorrer aos infelizes accommettidos.

Peço ainda a v. exc., que lance suas benfazejas vistas sob a população pobre desta villa, que além da epidemia que actualmente grassa acha-se acuçada pela fome e pela miséria. É o que com o devido respeito cumpre-me levar ao conhecimento de v. exc.

Ilmo. Exmo. sr. cons. dr. Jerônimo Sodré Pereira. M. D. presidente da Província de Sergipe. – EZEQUIEL PROPHETA DO NASCIMENTO (IDEM, 18.09.1889, p. 3).

O Presidente Dr. Jerônimo Sodré Pereira prontamente exonerou Dr. Manoel Baptista Itajahy do referido cargo e nomeou para o seu lugar, o médico Dr. Daniel Campos⁷, que já assumiu suas respectivas funções no dia 17 de setembro de 1889.

As primeiras providências tomadas por Dr. Daniel Campos foi visitar o Lazareto Público e as demais casas particulares onde

7 Filho de Daniel Caetano da Silva Campos e Antônia Pinto da Silva Campos, nasceu em 25 de maio de 1855, em Capela-SE e morreu em Aracaju, em 08 de fevereiro de 1922. Fez o curso acadêmico na Faculdade de Medicina de Salvador, recebendo o grau de doutor em 17 de dezembro de 1882 (Cf. GUARANÃ, 1925, p. 59).

se achavam os variolosos, além de desinfetar o maior número de casas. Canuto Severino de Araújo foi enfermeiro nomeado por Dr. Daniel Campos para colaborar nos socorros aos enfermos. Nesta mesma data, o Presidente foi notificado da gravidade da doença na Villa de Simão Dias, que assustadoramente já havia feito algumas vítimas, enquanto outros resistiam duramente a Varíola, em número superior a quarenta, necessitando urgente de serviços médicos, higiênicos, que quase não havia na localidade.

O Tenente Ezequiel Propheta do Nascimento, em cumprimento às normas estabelecidas pela Inspetoria de Higiene Pública, fechou quase todo o comércio local. Os negociantes, em contrapartida, pediram garantias ao governo para manter a força policial em Simão Dias, porque souberam, que nas proximidades da Villa, achavam-se diversos indivíduos desordeiros ameaçando saquear o comércio. Apesar do comandante do destacamento ter recebido ordens para retornar a capital com os oito praças, o Delegado de Polícia ordenou que esperasse a decisão final do Governo Provincial, que já havia sido comunicado do problema.

O contingente da força pública de infantaria da capital, comandada pelo alferes Marcelino José Jorge, havia sido enviada para Simão Dias, por solicitação do Juiz Municipal do Termo, para garantir a ordem pública durante o pleito de 31 de julho de 1889, embora os liberais acusassem o governo de enviar este destacamento para garantir o domínio conservador na Villa, através da pressão eleitoral e contra reação partidária de seus opositores.

Retomando a situação crítica da disseminação da Varíola em Simão Dias, Dr. Zacharias Horácio dos Reis, que havia sido nomeado Juiz Municipal desta Villa, desde 27 de julho de 1887, oficiou ao Presidente da Província a situação da epidemia na Villa:

“O dr. Delegado de hygiene, com quem ainda hoje percorri diversas casas, onde existem variolosos, e que ultima-

mente tenho prestados os serviços a seu alcance. A varíola manifesta se nos arrabaldes da villa, em casas variadas. Os valiosos, em geral, são pessoas indigentes, sendo a fome o seu maior martyrio, e achão-se alguns no lazareto, que a caridade pública construiu próximo da villa. O dr. Delegado de Hygiene, depois que chegou da capital da Bahia, não tem poupado esforços para debelar o mal. Acho conveniente que v. ex. remeta tubos vaccinicos para, com toda urgência, ir-se prevenindo o mal” (IBIDEM, 18.09.1889, p. 3).

Dr. Zacharias Horácio dos Reis dizia ainda que a Villa de Simão Dias se achava deserta. A população permanecia isolada, assustada com a ferocidade com que a doença avançava; que Dr. Joviniano de Carvalho já havia solicitado mais vacina a Inspetoria de Higiene, e a que ele mandou buscar particularmente em Aracaju, não produziu efeito.

Nesta época, a Comissão para distribuição de socorros e outros provimentos para os variolosos era composta pelo Vigário Padre José Joaquim Ludovice, o Coronel José Zacharias de Carvalho e o Capitão Sebastião da Fonseca Andrade (futuro Barão de Santa Rosa), nomeados pelo Presidente da Província, em 17 de setembro de 1889.

O Jornal A REFORMA também publicou o ofício enviado a aludida comissão de socorros, no qual o Presidente os comunica de suas respectivas nomeações:

“Ao revmo. sr. vigário de Simão Dias padre José Joaquim Ludovice, em 17 de setembro de 1889.

Tendo conhecimento por communicações officiaes, de que continua a grassar com bastante intensidade a varíola nessa localidade. Sendo que grande número de indigentes estão a mingos de recursos para occorrer às despesas de seo tratamento, nomeei em data de hoje uma commissão composta

de v. rvma., do coronel José Zacharias de Carvalho e do capitão Sebastião da Fonseca Andrade para encarregar-se da distribuição de socorros públicos a's pessoas indigentes; o que communico a v.rvma. para o seu conhecimento, esperando que com todo zelo, patriotismo e economia se, sirva de acceitar semelhante incumbência, prestando assim um importante serviço a causa da humanidade desvalida. Por esta ocasião reccomendo a v. rvma. que de acordo com os seus companheiros remetia semanalmente e com a maior regularidade possível a esta presidência uma estatística das pessoas acometidas da peste, das que receberam socorros públicos e bem assim a conta das despesas que fizer a comissão com o serviço que lhe fica confiado, para que seja determinado o respectivo pagamento.

Idênticos – Ao coronel José Zacharias de Carvalho e do capitão Sebastião da Fonseca Andrade” (IBIDEM, 18.09.1889, p. 03).

Neste mesmo dia, o Presidente Dr. Jerônimo Sodré Pereira enviou Ofícios semelhantes para Dr. Daniel Campos, médico encarregado do tratamento dos variolosos, para Dr. Joviniano Joaquim de Carvalho, Delegado de Higiene da Villa, para o Tenente Ezequiel Propheta do Nascimento, Delegado de Polícia, e para Dr. Zacharias Horácio dos Reis, Juiz Municipal do Termo, comunicando-os da recente nomeação dos membros da Comissão de Socorros.

As autoridades reunidas passaram a trabalhar e resguardar a Villa de Simão Dias para impedir que novos focos de Varíola se propagassem, vacinando e revacinando a população, mandando limpar as ruas, queimando, desinfectando as montureiras, dando sepultura aos cadáveres em lugar aconselhado pelas regras de higiene, evitando assim os enterramentos com estavam fazendo antes na porta do Lazareto.

Em se tratando do Lazareto Público, segundo o ofício de Dr. Daniel Campos, ele estava localizado num lugar impróprio, e o mesmo resolveu transferir para outro lugar, onde não causasse perigo a população. O mesmo ocorreu com a localização do Cemitério dos variolosos. Eis o texto na íntegra, onde o próprio médico notifica o governo, destas e de outras medidas tomadas por ele, quanto ao tratamento dos indigentes variolosos:

“Julgando inconveniente, pela posição, em relação ao lazareto, do local escolhido para o cemitério dos variolosos, mudei o para o lugar apropriado, sem se fazer preciso a compra do terreno alheio ao lazareto, uma vez que este tem a extensão precisa para aquelle fim. Em companhia do delegado de polícia fiz a desinfecção de todas as casas onde se deram casos de varíola. Sendo indispensável um empregado para o serviço do lazareto, conservei João Telles de Menezes, como servente, com a diária de mil réis; Maria Francisca de São José, como enfermeira, com a mensalidade de vinte e cinco mil réis; Maria do Carmo como lavadeira, com a mensalidade de dez mil réis, e dispensei dois outros empregados por não serem necessários ao serviço. Mediando entre o lazareto e esta villa um quarto de légua, e havendo duas casas outras onde encontrei variolosos indigentes, ambas distantes d’esta villa, contratei um animal para as visitas diárias por quinhentos reis diários” (IBIDEM, 28.09.1889, p. 03).

Junto ao Ofício Nº 09, de 23 de setembro de 1889, o médico Dr. Daniel Campos enviou o segundo relatório e mapa dos variolosos em tratamento e dos óbitos ocorridos na Villa. O primeiro foi em 21 de setembro, depois de ter feito uma análise dos casos, antes e a partir do dia 17 de setembro de 1889. Dr. Daniel Campos se comprometeu em atualizar semanalmente o mapa, até cessar a epidemia.

VARÍOLA BOLITIM SANITÁRIO DE SIMÃO DIAS

FORAM ATACADOS ATÉ 17 DO CORRENTE	57
Faleceram	08
Tiveram alta	19
Existem em tratamento	30
TOTAL	57
Indigente	18
Tratamento próprio	12
TOTAL	30

Fonte: Jornal A Reforma, 21.09.1889, Anno III, Nº 147, p. 03.

Dos oito óbitos que aparecem na tabela acima, quatro delas foram inumados no dia 09 de setembro de 1889. Eram: **Justino José dos Passos**, de 40 anos, casado com Hermelinda dos Passos; **Pompílio**, de 08 anos, filho de Antônio Manoel de Carvalho e Brasilina de Carvalho; **Antônio Francisco de Jesus**, de 35 anos, casado com Maria Angélica de Jesus; **Antônio**, de 04 anos, filho de Antônio Vicente da Silva e Maria Brasilina da Silva. No dia 10, sepultaram mais dois no cemitério dos variolosos: **Otávia Ribeiro**, de 17 anos, filha natural de Marcolina Eduarda Ribeiro; e **Maria da Conceição**, de 24 anos, solteira, filiação incógnita. Dois dos óbitos contabilizados na tabela não aparecem no Livro de Registros da Freguesia de Nossa Senhora Santa Anna.

VARÍOLA
BOLITIM SANITÁRIO DE SIMÃO DIAS
23.09.1889

Existiam em tratamento até 17	30
Foram cometidos até esta data	03
Faleceram	04
Existem em tratamento	29
TOTAL	29
Indigente	17
Tratamento próprio	12
TOTAL	29

Fonte: Jornal A Reforma, 28.09.1889, Anno III, N° 149, p. 03.

Os quatro inumados neste período foram mortos no dia 18 de setembro: **Isaura**, de 03 anos, filha também de Antônio Manoel de Carvalho e Brasilina de Carvalho; no dia 19 de setembro: **Delphina Maria da Conceição**, de 58 anos, viúva de Joaquim José de Santana; no dia 21 de setembro, **Antônio Francisco das Virgens**, de 35 anos, viúvo de Ana Maria de Jesus; e no dia 22 de setembro, morreu **Raimundo Potenciano da Silva**, com apenas 16 anos, de filiação desconhecida.

De acordo com o novo relatório de Dr. Daniel Campos, entre a Villa e o Lazareto dos variolosos, foram encontrados novos casos de Varíolas em duas residências. Na casa de Antônio de Christo foram infectados nove indivíduos e na de Manoel Barbosa, quatro. Não sendo possível reunir todos os doentes no Lazareto, por falta de espaço, Dr. Daniel Campos passou a fazer visitas em

ambas residências, ocupando praticamente todo o seu tempo, já que era necessário fazer o trabalho de manipulação, desinfecção e saneamento na Villa.

Além de realizar a fiscalização em diversos pontos do Município, Dr. Daniel Campos atendia seus pacientes em três enfermarias espalhadas em diferentes lugares, sem contar com o auxílio de outro clínico, visto que Dr. Joviniano Joaquim de Carvalho não era médico comissionado, apenas ocupava a função de Delegado de Higiene da Villa. É importante lembrar que o enfermeiro Canuto Severino de Araújo auxiliava nos cuidados com os doentes no Lazareto e com os doentes das duas casas anteriormente mencionadas. No boletim sanitário enviado no dia 23 de setembro, foi mencionado que só estas duas casas foram infectadas, dezoito dos doentes receberam alta e apenas treze estava em tratamento.

VARIÓLA
BOLITIM SANITÁRIO DE SIMÃO DIAS
Do dia 23.09.1889 a 29.09.1889

Em tratamento	29
Casos novos	02
TOTAL	31
Tiveram alta	18
Existem em Tratamento	13
Indigente	09
Tratamento próprio	04
TOTAL	13

Fonte: Jornal A Reforma, 11.10.1889, Anno III, Nº 152, p. 03.

Apesar de não haver registro no Boletim Sanitário acima, no dia 25 de setembro foi inumado no cemitério dos variolosos, a paroquiana **Raimunda Potenciana da Silva**, de 26 anos, casada com Manoel dos Santos.

VARÍOLA
BOLITIM SANITÁRIO DE SIMÃO DIAS
Do dia 29.09.1889 a 03.10.1889

Em tratamento	13
Casos novos	01
TOTAL	14
Faleceu	01
Tiveram alta	03
Existem em Tratamento	10
Indigente	08
Tratamento próprio	02
TOTAL	10

Fonte: Jornal A Reforma, 11.10.1889, Anno III, Nº 152, p. 03.

Apesar do obituário apresentado no Boletim Sanitário se contradizer com os Registros da Freguesia, o número de vítimas fatais na Villa de Senhora Santa Anna é parcialmente análogo. É o que ocorre no período apresentado na tabela abaixo. Entre estes dias, há dois óbitos e não apenas um: Em 02 de outubro

foram sepultados **Manoel Francisco de Santana**, de 34 anos, solteiro, filho de Francisco José de Sant'Anna e Ana Victoria de Jesus, e **Maria Aniceta dos Passos**, de 40 anos, viúva de Antônio Ângelo da Silva. Este último óbito, veio discriminado na tabela seguinte.

De 29 de setembro até 06 de outubro de 1889, a Tesouraria da Província despendeu a quantia de 54\$180:000 (Cinquenta e quatro mil cento e oitenta Réis com o tratamento de variolosos da Villa de Simão Dias.

VARÍOLA
BOLITIM SANITÁRIO DE SIMÃO DIAS
Do dia 05.10.1889 a 15.10.1889

Em tratamento	10
Casos novos	02
TOTAL	12
Faleceu	01
Tiveram alta	05
Existem em Tratamento	06
Indigente	03
Tratamento próprio	03
TOTAL	06

Fonte: Jornal A Reforma, 19.10.1889, Anno III, N° 154, p. 03.

VARÍOLA
BOLITIM SANITÁRIO DE SIMÃO DIAS
Do dia 14.10.1889 a 18.10.1889

Em tratamento	06
Tiveram alta	03
Existem em Tratamento	03
Indigente	00
Tratamento próprio	03
TOTAL	03

Fonte: Jornal A Reforma, 27.10.1889, Anno III, N° 156, p. 04.

VARÍOLA
BOLITIM SANITÁRIO DE SIMÃO DIAS
Do dia 19.10.1889 a 22.10.1889

Em tratamento	06
Tiveram alta	03
Casos novos	01
TOTAL	04
Existem em Tratamento	04
Indigente	01
Tratamento próprio	03
TOTAL	04

Fonte: Jornal A Reforma, 27.10.1889, Anno III, N° 156, p. 04.

Em 27 de novembro de 1889, Dr. Daniel Campos e o enfermeiro Canuto Severino de Araújo se apresentaram ao governo provincial e comunicaram que havia terminado a comissão de que estavam incumbidos na Villa de Simão Dias. A doença havia sido totalmente cessada e seus respectivos trabalhos concluídos.

Em 07 de dezembro de 1889 foi aberto um crédito de uma quantia de 462\$271:000 (Quatrocentos e sessenta e dois mil e duzentos setenta e um Réis) para pagar as despesas feitas com o tratamento dos variolosos indigentes da Villa de Simão Dias.

Dr. Jovinião Joaquim de Carvalho ainda permaneceu no cargo de Delegado de Higiene até 17 de setembro de 1890. Por ato de 10 de julho deste mesmo ano, com o surgimento de uma epidemia de febres de mal caráter na cidade, o Governo do Estado Federado de Sergipe o nomeou para encarregar-se do tratamento dos indigentes, vítimas desta moléstia, perdurando no cargo até 17 de setembro, quando o perigo que grassava na cidade já havia terminado. Ele ainda enfrentou a epidemia da gripe ou influenza espanhola de 1918 e outro surto de varíola em 1919. Neste período colaborou com a fundação e construção da primeira casa de saúde de nossa cidade, o Hospital Bom Jesus, do qual trataremos no próximo capítulo. Faleceu aos 17 de agosto de 1929, com 73 anos de idade, sendo sepultado no Cemitério São João Batista de Simão Dias, na época cognominada Anápolis.

Meia década posterior a emancipação política de Simão Dias⁸, um novo surto reaparece na cidade. Um ano antes, o vapor San-

8 Por Decreto de 27 de dezembro de 1889, o Governo Federado de Sergipe Dr. Felisbello Freire dissolveu a Câmara Municipal de Simão Dias e criou a Junta Governativa ou Conselho de Intendência do Município. Este Conselho era composto pelo Tenente-Coronel Antônio Manuel de Carvalho, Padre José Joaquim Luduvico e Capitão Sebastião da Fonseca Andrade, ambos empossados em 07 de janeiro de 1890. Por Ato Nº 51, de 12 de junho de 1890, a Villa de Senhora Sant'Anna de Simão Dias foi elevada à categoria de cidade, dias depois de nomear o novo Conselheiro da Intendência, o MM. Senhor Juiz Municipal e de Direito Dr. Zacharias Horácio dos Reis, a pedido da Junta Governativa, em substituição ao Vigário Padre José Joaquim Luduvico, que a seu pedido teria sido exonerado em 18 de abril de 1890. [Grifo do autor]

telmo, atracado em Aracaju, trouxe passageiros infectados pela Varíola, deixando todo estado em alerta. Neste período, entre 1895-1896, a nova epidemia atingiu também Estância, Riachão do Dantas e Itaporanga d'Ajuda.

O último grande surto da Varíola no estado de Sergipe, resurgiu pouco tempo depois do estado sofrer com a epidemia da Influenza espanhola. Segundo o Relatório do Presidente Coronel Dr. José Joaquim Pereira Lobo, ela começou a manifestar-se na Villa de Nossa Senhora do Socorro, em outubro de 1918, num indivíduo procedente do estado da Bahia. Removido para um Lazareto Público e tomadas as precauções devidas, o caso não repercutiu naquela Villa.

Pouco tempo depois, a Varíola acometeu dois marinheiros nas barcas Cacique e Conceição, em Aracaju, e de lá se alastrou por toda a capital. A Varíola continuou seu curso nos Municípios de Propriá, Itaporanga, Estância, Boquim, Salgado, Campos (Tobias Barreto), Itabaianinha, Maroim, Rosário, Lagarto, Santo Amaro, Capela, Riachuelo, Japaratuba e Gararu. Nesta época, ela também irrompeu com intensidade em Aquidabã e cercanias. Em Annapolis, denominação antiga da cidade de Simão Dias, a Varíola grassou num período de aproximadamente quatro meses.⁹

A florescente cidade sertaneja estava tomada de verdadeiro pânico com o retorno desta peste epidêmica, embora depois fosse descoberto que se tratasse apenas de uma Varíola minor ou alastrim, que é um estágio menor e menos violenta da doença. Dr. Samuel Dutra, clínico deste Município, e que foi responsável pelo tratamento das vítimas da Influenza Espanhola em 1918, declarou ao Dr. Diretor de Higiene que aceitava o encargo para tratar das vítimas do alastrim, mediante a remuneração de 1:500\$000

9 Cf. Mensagem Apresentada à Assembleia Legislativa, em 07 de setembro de 1920, ao instalar-se a 1ª Sessão Ordinária da 14ª Legislatura, pelo Coronel Dr. José Joaquim Pereira Lobo, Presidente do Estado (1920, p. 68-70).

(Mil e quinhentos Réis). Porém, respondendo ao telegrama, o governo informou que não contratava serviços profissionais mediante um valor estipulado. Assim, o Diretor de Higiene do Estado Dr. Octaviano Vieira de Melo¹⁰, foi logo designado para cuidar pessoalmente dos variolosos, tendo como auxiliar o senhor Alexandre Costa, que só retornou a Aracaju quando cessou todo mal. Para o tratamento dos doentes foram comissionados os senhores Álvaro da Silva Teixeira, funcionário da Assistência Pública, e Antônio de Oliveira Rosa.

As autoridades constituídas de Annapolis, seguindo as instruções da Inspetoria de Saúde do Estado e do Diretor de Higiene, mandou fechar as escolas, até que cessasse a epidemia do alastrim. O Presidente do Estado Coronel José Joaquim Pereira Lobo, já havia ordenado o fechamento das escolas em todo estado, sobretudo, nos Municípios afetados.

O empregado da higiene, em comissão, informou ao Presidente que o alastrim já estava grassando intensamente em Annapolis, mas era difícil precisar o número dos doentes. No Lazareto estavam em tratamento doze pacientes, sendo quatro deles em estado grave.

O hebdomadário local A LUCTA, de 21 de setembro de 1919, publicou na primeira página sua entrevista com o Diretor de Higiene, onde em um dos trechos, conta: “Não se sabe precisamente o número de casos atingidos pelo alastrim, contudo não é exagero dizer-se que terça parte da população da cidade, já soffreu o conta-

10 Filho do bacharel Gonçalo Vieira de Melo e D. Maria Isabel Cotias de Melo, nasceu no Aracaju a 04 de setembro de 1879. Tendo feito o curso médico na Faculdade da Bahia, recebeu o grau de doutor a 31 de dezembro de 1902. Foi ajudante da Inspetoria de saúde do porto de Aracaju em 1912 e 1913 e neste último ano eleito deputado à Assembleia Legislativa do Estado, reeleito para a legislatura trienal de 1914 a 1916, tendo perdido o lugar por ter sido nomeado Inspetor de Higiene, por ato de 14 de maio de 1914. Em agosto de 1917 entrou para o corpo médico do Hospital de Santa Isabel. Foi exonerado do cargo de Diretor de Higiene e Saúde Pública por ter sido nomeado em 24 de outubro de 1922 Fiscal do Conselho Superior do Ensino junto ao Ateneu Sergipense. (Cf. GUARANÁ, 1925, p. 234).

gio do impertinente mal. Anima-nos, porém, a benignidade da moléstia. As pessoas que têm adoecido até agora, aparecem, oito ou quinze dias depois, apenas com leve cicatrises no rosto, mas que logo desaparecem sem deixar as concavidades que sóe manifestar-se nos casos de varíola” (1919, p. 01).

Na mesma reportagem, o Diretor de Higiene diz que, assim que o indivíduo é infectado, com febre e dores de cabeça, passa a tomar um purgante com óleo de rícino, recomendado pela própria comissão de Higiene.

Na medida que a notícia se espalhava, o medo tomava conta de toda a população, de maneira especial, os menos instruídos. O Lazareto e a carroça que leva os variolosos tornam-se lugares de terror. O jornal A LUCTA publicou que este medo duplo era por ouvir boatos de que os “alastrinados” internados nos Lazaretos eram deitados numa tábua ou esteiras. Um indivíduo chamado Eusébio evitou a todo custo o contato com um doente, inclusive, sua mãe, e quando apareceram os primeiros sintomas, ardendo de febre e tremendo, embrulhou-se num lençol e fugiu para os lados do Povoado Areal. Percebido pela vizinhança, avisaram ao Delegado de Higiene, que prontamente o capturou, colocou-o na “carroça de lixo”, nome dado



Jornal A LUCTA

Circulava semanalmente em Annapolis (Simão Dias), do proprietário Emílio Rocha. Acervo da Biblioteca Pública Epifânio Dória

a assistência que conduzia os doentes ao Lazareto, e internou-o. “*Eusébio foi a muque e passou três dias no lazareto sem querer alimentar-se*” (A LUCTA, 21.09.1919, p. 02). Ranzinza, Eusébio precisou da força policial para vigiá-lo, depois de diversas tentativas de fuga.

Os proprietários das casas onde tiveram casos do alastrim foram intimados pelo Delegado de Higiene Dr. Octaviano Vieira de Melo, seu auxiliar Alexandre Costa e seus comissionados, para que, dentro do prazo de 10 dias, providenciassem a lavagem, caiação geral e o uso de piche de suas casas, sob pena da Lei. Durante este tempo, as habitações ficavam interditadas até serem executados todos os melhoramentos exigidos. As ruas onde mais se alastrou o mal, eram realizadas rigorosas desinfecções, e a noite eram queimados piche em alguns pontos da cidade. Dr. Octaviano de Melo, nesse período, chegou a ser atacado pela Influenza, mas foi logo restabelecido.

Na primeira semana de outubro, foi iniciado em Simão Dias, o primeiro serviço de vacinação contra o alastrim. Os locais escolhidos para este fim era a Intendência Municipal, com atendimento domiciliar, se necessário. Nenhum efeito foi produzido, apenas um incômodo leve naqueles que foram elas inoculados.

O jornal CORREIO DE ARACAJU, de 03 de outubro de 1919 publicou uma nota informando que o Diretor de Higiene do Estado, Dr. Octaviano Vieira de Melo, havia comunicado que a Varíola, que vinha grassando em Simão Dias, estava quase contida. Mais de quinhentas pessoas foram inficionadas, mas devido ao isolamento, profilaxia e combate direto, os casos ainda existentes estavam em franco declínio. Nesta ocasião, o processo de vacinação foi o remédio mais eficaz para interromper este mal que, no início atacara violentamente o Município. Apesar desta notícia, até o dia 26 de outubro de 1919, ainda havia dez pacientes no Lazareto de Annapolis, mas nenhum em estado grave.

No dia 30 de outubro de 1919 a cidade ficou estremecida com o repicar dos sinos e fogos de artifícios, comemorando a saída do

último enfermo do Lazareto. Uma pessoa saiu de casa em casa perguntado às famílias se havia ali alguma pessoa com alastrim. Sem mais casos, neste dia terminou oficialmente a Varíola na cidade. Ao todo foram aproximadamente 600 casos notificados, mas lamentaram apenas 20 mortos. Em 02 de novembro foi realizada uma romaria da Matriz de Senhora Santa Anna para o Cemitério São João Baptista, onde foram celebradas duas Santa Missas pelo Cônego Philadelpho Macedo. Uma delas em sufrágio das vítimas do alastrim.

Depois da Missa cantada, a Lira Sant'Ana saiu em marcha vitoriosa pelas ruas da cidade chamando para a alegria os convalescentes da pandemia. À tarde, a filarmônica tocaram em frente à residência de Álvaro de Carvalho, um dos membros da comissão de socorros dos variolosos, depois seguiram pela rua Rio Branco. No largo do cemitério, na atual Praça José Barreto de Andrade, os jovens exercitaram seu jogo de futebol (A LUCTA 09.11.1919, p. 01).

VACINA ANTIVARIÓLICA: da variolização vacínica a erradicação da doença

Desde sua descoberta, o próprio método de vacinação era uma das dificuldades para combater a doença. Ele havia sido criado em 1798 pelo médico inglês **Edward Jenner**. O método “*mais empregado consistia na ‘variolização’, isto é, na transmissão do ‘pus vacínico’ de braço a braço*” (SANTOS FILHO, 1977, p. 514).

O pus vacínico era distribuído em lâminas e, na falta destas, era



Edward Jenner
(1749-1823)

inoculado em crianças, e, posteriormente, retirado destas para imunizar as outras pessoas.

Edward Jenner observou determinadas pessoas que se contaminavam com uma doença de gado, quando estes ordenavam as vacas.

A doença, chamada de *cowpox* (varíola bovina genuína), assemelhava-se à varíola humana pela formação de pústulas (lesões com pus). Diante dessa observação, em 1796, Jenner inoculou o pus presente em uma lesão de uma ordenhadora chamada **Sarah Nelmes**, que possuía a doença, em um garoto de oito anos chamado Phipps. Este adquiriu a infecção de forma leve e, após dez dias, estava curado. Posteriormente, Jenner inoculou em Phipps pus de uma outra pessoa com Varíola, e o garoto nada sofreu. Surgia aí a primeira vacina.

O vírus utilizado na vacinação contra a varíola humana era etimologicamente chamado de vaccínia vírus (VACV).



Jenner (1798) inoculou material das mãos de ordenhadoras (Cowpox) e desafiou uma criança com varíola (Smallpox).

Fonte: Autor desconhecido

O adjetivo latino *vaccinae* (de vaca) foi substantivado e adaptado a todos os idiomas de cultura: inglês, *vaccine*; francês, *vaccin*; alemão, *vakzine*; espanhol, *vacuna*; italiano, *vaccino*; português, *vacina*. Por analogia, passou a designar todo inóculo dotado de ação antigênica, independentemente de sua origem.¹¹

Esta vacina antivariólica difundiu-se por todo o mundo. Ela tornou-se obrigatória no século XVIII, porém, era praticada de maneira irregular, e, ao mesmo tempo, combatida e rejeitada pela população. Os surtos epidêmicos continuaram ocorrendo no século XIX e a vacinação só se tornou efetiva com a campanha iniciada pelo médico Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, no início do século XX.

Em 1826 ocorreu seu primeiro registro na Província de Sergipe, quando houve a vacinação contra a Varíola na Villa de Estância, no entanto, a vacina não conseguiu evitar que, em 1845, começasse a ocorrer uma nova epidemia da peste das bexigas.



Inoculação de pus de vaca no Hospital de Crianças Pobres de Barcelona/Espanha
(Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/24/ciencia/1503587279_312148.html)

11 Trecho do texto elaborado por Joffre M. de Rezende, Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás e Membro da Sociedade Brasileira de História da Medicina. Disponível em: <http://www.jmrezende.com.br/variola.htm> Acesso: 09.03.2021.

Em 22 de fevereiro de 1836, já havia sido aprovada em Sergipe uma Lei Provincial, tornando a vacinação obrigatória e prevendo multa e prisão para os infratores. A Lei autorizou o Governo a gastar até 1:000\$000 (Um Conto de Réis) para a difusão da vacina, mas nunca foi cumprida. Em 1843, a Assembleia Provincial de Sergipe aprovou a criação do Cargo de Vacinador Geral, que foi ocupado pelo médico Francisco Sabino Coelho Sampaio.

O Cargo durou pouco, pois, em 1846, o Governo Imperial criou a função de Comissário Vacinador Provincial, ocupado nesta época pelo médico Dr. Joaquim José de Oliveira, que acumulava o cargo de Provedor de Saúde Pública. Em Sergipe, geralmente esses vacinadores eram leigos, e nada recebiam.

Em 08 de maio de 1980, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarava definitivamente erradicada a Varíola. Aqui, no Brasil, a Varíola já havia sido erradicada no início da década de 1970, embora as primeiras ações de combate a ela tenham ocorrido em 1808, com a chegada da família real portuguesa no Rio de Janeiro.

Para confirmar a interrupção da transmissão da Varíola, Comissões Internacionais especiais da OMS visitaram cada país “(...) Em 1978,



A varíola está morta!

Capa da Revista ilustrada oficial
da Organização Mundial da Saúde.
Desenho de Peter Davies

o Diretor Geral da OMS formou uma Comissão Mundial para revisar a experiência de todos os países. A Comissão completou seu trabalho em 09 de dezembro de 1979, data em que conveio quanto à existência de documentação suficiente para certificar a erradicação em escala mundial” (Henderson, 1980, p. 5).

Além da vacina, a propagação da doença era combatida através do isolamento dos doentes em Lazaretos, do enterramento dos defuntos variolosos em covas com mais de um metro e meio de profundidade e a desinfecção das casas nas quais faleciam variolosos (SANTANA, 1997, p. 67), como já vimos no capítulo anterior.

CAPÍTULO III

A GRIPE ESPANHOLA EM SIMÃO DIAS: A TERRÍVEL MOLÉSTIA



Fonte: jornal O Forense, publicação online de 14.05.2020

Uma das maiores epidemias que se tem notícia no mundo foi a influenza espanhola. As novas expectativas trazidas com o fim da Primeira Grande Guerra nos campos de batalha da Europa, foi acompanhada por uma incansável luta contra a gripe espanhola, que não deixou territórios e populações sem suas terríveis marcas. Apesar de ser chamada “espanhola”, ela não surgiu na Espanha. Apenas recebeu esse nome em razão da forte divulgação do problema na imprensa espanhola. A teoria mais aceita é de que a gripe teria surgido em campos de treinamento militar nos Estados Unidos. “No dia 4 de março de 1918,

um soldado da base militar de Fort Riley, nos Estados Unidos, ficou de cama, com sintomas de uma forte gripe. Esse acampamento no Kansas treinava cidadãos americanos para a Primeira Guerra Mundial. Naquela semana de março, mais de 200 soldados adoeceram também. Em apenas 14 dias, mais de mil militares foram parar em hospitais — e o mal se alastrou por outros acampamentos”.¹²

A doença chegou ao Brasil por volta de setembro de 1918 e espalhou-se pelos grandes centros, sobretudo, por Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro. Seus primeiros sinais foram aparentemente dados pelas mortes de tripulantes dos navios enviados em missões médico-militares na costa da África.

Em Sergipe, o primeiro caso surgiu em 20 de outubro de 1918, quando seis pessoas desembarcaram do ‘Vapor Itapacy’, contaminadas pela influenza. Na travessia da Bahia para cá, já havia falecido o cozinheiro de bordo chamado José Antonio Correia da Silva, que teve seu corpo atirado ao mar. Logo que chegou ao conhecimento do Diretor de Higiene, as vítimas foram removidas para o Lazareto Público, mas já era tarde. Em 04 de novembro o mal já havia se espalhado pelo estado, sendo a primeira vítima fatal Georgina de Jesus, uma negra de 25 anos, residente na rua de Campos, em Aracaju¹³. O Governo tomou todas as providências que a sua estrutura permitia: criou um “Serviço de Combate à Gripe Espanhola” e convocou para fazer parte dele todo o pessoal médico comissionado. Também recorreu à Assembleia Legislativa, pedindo liberação de recursos para enfrentar o problema.

Em 08 de novembro de 1918, a Lei Nº 765 abriu créditos especiais de 10:000\$000 (Dez contos de Réis) para o combate à epidemia. Em 16 de novembro, a gravidade e velocidade de expansão da doença obrigou a aprovação de uma nova lei, a de Nº 766, abrindo créditos

12 <https://saude.abril.com.br/blog/cientistas-explicam/gripe-espanhola-100-anos-da-mae-das-pandemias>. Acesso em: 22 de março de 2021.

13 Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa, em 07 de setembro de 1919, pelo Presidente do Estado, Coronel Dr. José Joaquim Pereira Lobo.

de 100:000\$000 (Cem contos de Réis) para este mesmo fim. A previsão orçamentária do estado para o ano de 1918, destinada à Higiene e Saúde Pública, custou um pouco mais de 33 contos de Réis.

A INFLUENZA ESPANHOLA CHEGA EM SIMÃO DIAS: breves apontamentos de uma história

A influenza espanhola chegou em Simão Dias em novembro de 1918. O jornal ESTADO DE SERGIPE publicou o primeiro telegrama do Delegado de Higiene de Annapolis, antiga denominação do Município, comunicando o fato:

“Telegrama recebido do delegado de Hygiene de Annapolis – Trago conhecimento de v.s. que surgiu com alguma intensidade gripe hespanhola aqui. População alarmada. Carater benigno. Peço fornecer-me ordens terminantes afim por meio prophylaticos ir deballando mal. Saudações” (19.11.1918, p. 1).

Apesar do caráter geral da doença ser benigno e os tratamentos serem realizados nos próprios domicílios, neste período foi observado na cidade dezessete casos que mereciam cuidados especiais, por isso tiveram que ser transferidos para o Lazareto Público. Segundo as informações prestadas pelos encarregados do tratamento dos doentes, neste período foi elevado a cifra de infectados para mais de cem casos, mas só um óbito foi verificado. A vítima era uma pessoa de avançada idade, e embora a causa mortis tenha sido a influenza, seu organismo já se achava combatido por outras enfermidades de caráter crônico.

A população rural, menos instruída, também necessitava de cuidados e instruções básicas sobre o mal que reinava por todos os lados. A primeira página do jornal A LUCTA publicou depoimentos

de parte dos agricultores, oriundos de diversas comunidades rurais do Município, ambos colhidos no dia de feira livre na cidade:

PARACATU – Uma senhora disse que só tinha vindo a cidade comprar velas, pois os seus vizinhos estavam todos acamados e alguns já tinham ido para o outro mundo.

CANAFÍSTULA – “Lá isto é uma calamidade. Não se pensa mais em trabalho”.

BONSUCESSO – Perguntamos a vários moradores: Responderam “de modo benigno”.

DESERTO – “Muitos doentes. A felicidade é que esta doença não mata”.

LAGOA GRANDE – “Seu moço, a Lagoa parece que cresceu ainda mais, não no tamanho, mas destes andaços”.

FURNA – “Tem adoecido famílias inteiras de não ter quem dê um copo d’água”.

LARANJEIRAS – “Laranjeiras foi bem o nome que lhes deram, pois, a maior parte dos moradores viraram laranjas... e muito madura. A doença os tem derribado com um sopro. A semana passada vieram quatro redes”.

AREAL – Tivemos ocasião de ir pessoalmente num dos casebres deste lugar que dista dois passos da cidade. No chão, forrado com uma velha esteira, tendo como travesseiro os próprios braços, estavam deitadas quatro pessoas, todos a tossir. “Oh! O que é isto assim?” Perguntamos a um convalescente que já estava de pé. “É esta doença”. Perguntamos que remédio tem usado? “Estas beberagens do matto: quinaquina, jorubeba, fedegoso e... esterco de gado com água”. Veja leitores quanta ignorância e miséria?¹⁴

A terça parte da população havia sido atacada pela influenza espanhola, mas o número de gripados não correspondia aos de

¹⁴ Cf. A LUCTA, N° 18. Anno II. 08.12.1918, p. 01.

óbitos. De acordo com um dos telegramas enviados ao Delegado de Higiene do Estado, o funcionário de Assistência Pública Álvaro da Silva Teixeira foi acometido pela doença, mas apresentou apenas febre, sintoma próprio de alastrim. Antonio de Oliveira Rosa, também comissionado do governo, permanecia no Lazareto Público, junto com mais onze doentes da gripe, sendo quatro deles em estado grave. Neste período, o Delegado de Higiene da cidade, solicitou vacinas e a vinda urgente de médicos para contribuir com o tratamento dos infectados. Prontamente, o Cel. José Joaquim Pereira Lobo enviou para o Município o médico comissionado Dr. Samuel Dutra.

AS MÚLTIPLAS PERCEPÇÕES DA INFLUENZA: o cotidiano da cidade doente



Charge de Voltolino
A Gazeta, 19/10/1918

Os repetidos casos de influenza em nosso município invadiram o local. Nesta ocasião, o jornal A LUCTA publicou uma reportagem sobre o cotidiano da cidade, intitulado “Mal reinante”, depois de fazer o *city tour* noturno pelas principais vias de Simão Dias. Eis um trecho desta publicação:

“Era seguramente vinte horas, o luto da noite estendia-se profusamente por todas as ruas da cidade. Aqui, além, uma janela, uma porta mantinham-se atrevidamente abertas... Lá dentro uma luz vacilante, trez ou quatro pessoas, o máximo, a conversarem. Numa destas casas, aonde se falava em gripe, ouvimos o seguinte diálogo: ‘O governo está demorando tomar providências’, fala um cavalheiro nervoso.

‘Breve tomará. O sr. intendente, juntamente com o delegado de hygiene, já solicitaram favores aos poderes competentes’, respondeu outro.

‘Bem. Acredito que quando vier ordens para socorrer os miseráveis, a comissão beneficiadora certamente há de visitar domicílios.’

‘Para que assim?’

‘Ora, bem sabes que a hespanhola costuma atacar de modo ex-abrupto famílias inteiras. Logo, é muito justo que, não só se espere por pedidos de socorro, procure-se também quem delle o precisa...’

‘Tem razão Joaquim...’” (A LUCTA, 01.12.1918, p. 01).

Obedecendo ordem superior, as escolas públicas de Simão Dias foram fechadas, como medida salvadora para evitar a invasão da doença, visto que ela se propagava facilmente onde houvesse aglomerações de pessoas. O delegado de higiene e sua comissão examinaram diversos leites expostos ao consumo

nesta cidade e julgados em condições regulares. Foi também designada para ficar de plantão durante a semana, uma Farmácia Popular.

Era impossível escapar deste grande flagelo. O Estado sanitário da nossa cidade era precária. Segundo o jornal A LUCTA, “nem todo o momento pode se chegar a uma porta, proveniente da exalação pútrida dos canos de esgotos. Isto, porém, em poucas ruas.” E acrescenta ainda: “Quem tiver porcos que retirem dos quintais. É boa medida também fazerem desaparecer a podridão dos canos de esgotos”. Pelo menos até 1935, nada havia sido feito pelos Intendentes, quanto ao saneamento básico.

O jornal CORREIO DE ARACAJU, durante as comemorações do centenário de fundação da Freguesia de Senhora Santana, publicou uma crítica enviada por Clóvis Mozart Teixeira, intitulada “Saneamento de Annapolis”. Em um dos trechos dizia: “(...) não há uma única fossa sanitária, nem mesmo nas casas ricas, nem regulamento em vigor que prescreva tão útil substituto dos esgotos. O que há são poços abertos, sem revestimento, quase sempre em comunicação com o lençol phreatico, que se enchem de água na estação invernos e se tornam o paraíso dos mosquitos. As ondas de anophelinos invadem a cidade a despeito dos “mata-mosquitos” da missão norte-americana, que incansáveis e inócuos, extinguem os focos de larvas dos potes e moringues. (...) Enquanto isso se passa, o paludismo persevera na sua faina de infatigável demolidor de vidas. Acresce que a poluição do lençol subterrâneo por esses poços parece incontestável em vista das periódicas inundações. O estabelecimento de uma rede de esgoto talvez não fosse lá tão caro, dada a proximidade do collector geral, o Caiçá de águas poluídas, que mine-circunda a cidade. (...)” (CORREIO DE ARACAJU, 07.02.1935, p. 02).



Imagem tirada na Califórnia (EUA), em 1918, durante a segunda onda da pandemia da Gripe Espanhola.

Fonte: Dasartes.com.br, publicado em 04.05.2020.

Pela cidade inteira exalava um cheiro esquisito. Até na praça Barão de Santa Rosa, constituída de prédios suntuosos, exalava o mesmo cheiro, proveniente de excremento de boi queimados, utilizados para evitar a circulação de pessoas. O bairro Bomfim, que era um ponto chique para passear aos domingos estava entregue a um mutismo eterno. “O luar das noites, a tarde de domingos, a música, o passeio, a prosa larga e amena das calçadas, tudo foi esquecido pela população. A elite simãodiense não mais enfeitou com a sua graça e singular encanto, o deserto de nossas ruas. A hespanhola, a influenza, de uma figa amortalhou temporariamente com a penumbra da tristeza, o corpo loução desta minha terra tão faceira e florescente” (A LUCTA, 22.12.1918, p. 2).

É importante frisar que em Simão Dias ainda não havia hospital público ou particular e o Lazareto era afastado do centro urbano. Havia a necessidade de readequá-lo.

A ideia de fundar um hospital de caridade na cidade surgiu no início de 1918, mas a campanha ainda estava no começo. Os cidadãos Austeclino Rocha, Júlio Manoel de Oliveira e o Coronel José Barreto de Andrade teria idealizado o projeto e o jornal A LUCTA, do proprietário Emílio Rocha¹⁵, tornou-se o principal vínculo de divulgação da campanha Pró-Hospital, iniciando em 17 de fevereiro daquele ano. Emílio Rocha tornou-se Diretor do Hospital e da Associação Beneficente Bom Jesus, desde sua fundação até 1930, e, posteriormente, durante o biênio 1937-1938.

Durante a primeira reunião ocorrida na residência do Juiz Municipal Dr. Francisco Itabyra de Britto, o médico Dr. Joviniano Joaquim de Carvalho falou da necessidade de se construir o Hospital num local onde estivesse de acordo com o que se prescreve a ciência. Diversos locais da cidade foram apontados, ambos oferecendo todas as condições necessárias, sob o ponto de vista topográfico e higiênico. Não obstante, o Hospital foi construído nas proximidades dos Sítios de José Prata Passos e José Benício Menezes Filho, ignorando as normas de higienização, visto que, próximo estava situado a necrópole “São João Baptista”. Em 02 de março de 1919, às 17 horas, foi dado início a solenidade de lançamento da pedra fundamental da Casa de Saúde ou Hospital Bom Jesus. Antes, abriram uma cavidade para o alicerce e puseram nela uma chapa e um frasco contendo dois números do jornal “A Lucta”, uma lista com os nomes das autoridades e vários cartões. Na aludida chapa estava inscrito o nome daqueles que compunha a comissão.

Apesar da campanha se intensificar, principalmente com a fundação de uma Associação Beneficente Bom Jesus, manteve-

¹⁵ Jornalista, idealizador, Emílio Rocha fundou A LUCTA, semanário noticioso e literário, que circulou desde o dia 05 de agosto de 1917. Nasceu em Simão Dias, filho de Jerônimo José da Rocha e Theodora Maria dos Santos. Em 24 de novembro de 1912 casou-se com Elvira Sant’Anna Rocha na Capelinha de Pedra Mole, na época pertencente a Matriz Nossa Senhora da Boa Hora de Campo do Brito, filha do casal João Lucas de Sant’Anna e D. Maria Umbelina de Oliveira Sant’Anna. Faleceu no Rio de Janeiro em 25 de abril de 1961. [Grifo do autor]

dora da obra de caridade, a aprovação do Estatuto só ocorreu no dia 04 de março de 1923. Entre os sócios beneméritos desta obra podemos citar Dr. Antonio Manuel de Carvalho Neto, Cônego Philadelpho Macedo, Sebastião da Fonseca Andrade (Barão de Santa Rosa), D. Ana Freire de Carvalho (Baronesa de Santa Rosa), Dr. Virgílio de Carvalho Oliveira, Cícero Ferreira Guerra, D. Ana Hora Prata, entre outros. Mesmo com as obras em andamentos, no dia 20 de agosto de 1923 foram internados os primeiros enfermos.



Hospital Bom Jesus
Acervo do Memorial de Simão Dias

As festas natalinas foram suspensas pelo delegado de polícia, temendo a propagação da pandemia. Os alegres camponeses que costumavam frequentar o natal com o seu lenço novo atado ao pescoço, comer doce de pimenta e ouvir a missa do galo, ficou este ano entregue ao mutismo infinito de suas matas. Apenas algumas pessoas leigas vieram para a cidade imaginando encontrar diversões e atravessaram as ruas como sombras esquivas e amedrontadas. As casas de armarinhos deram melhor feições as suas vitrines internas, lembrando talvez dos natais passados.

Na última semana do ano, quando os casos de influenza já estavam praticamente extintos e seguindo para os sertões da Bahia, as festas de fim de ano chegou a acontecer, porém, despidido de toda a graça dos anos anteriores. A feira que ocorre no último dia do ano na Avenida Coronel Loyola, devido às chuvas, desta vez aconteceu no Mercado Municipal resumida e desanimada. No entanto, a tradicional festa dos Santos Reis foi suspensa. No lugar ocorreu uma outra festa com retreta da Lira Santana, quebra pote, morte do galo, etc.

A PROFILAXIA E AS PRÁTICAS DE CURA DA INFLUENZA ESPANHOLA



Créditos: Wikimedia Commons

Durante este período de pandemia, os governos federal, estadual e intendentess utilizaram a imprensa escrita para instruir a população, quanto a prevenção contra esta doença.

No jornal DIÁRIO DA MANHÃ, que circulava em todo Estado, foi publicado diversos conselhos para evitar o ataque da gripe espa-

nhola e algumas indicações de medicamentos adaptados pela Diretoria Geral da Saúde Pública do Estado. Dentre os cuidados citados estão:

- ABSTER-SE de todo ou qualquer excesso, afim de não ser diminuída a resistência orgânica;
- EVITAR o uso, e com maior razão o abuso de bebidas alcoólicas;
- RESGUARDAR-SE contra o resfriamento;
- LAVAR a boca e gargarejar com uma solução de sal de cozinha na seguinte proporção: uma colher de sopa para um litro de água fervida;
- FAZER diariamente uso de uma solução de essência de canela, conforme as seguintes doses: Uma colherinha das de café em meio copo d'água açucarada de duas em duas horas até desaparecer a febre. Depois tomar uma colherinha em meio copo d'água três vezes ao dia.

Para os que se achavam no início da infecção era aconselhável: TOMAR um purgativo salino qualquer ou a fórmula seguinte:

N. 01 USO INTERNO

Água destilada 120,0

Sulfato de sódio.....30,0

Açúcar, o necessário para adoçar.

Para tomar de uma só vez.

Em seguida fazer uso de cápsulas com quinino, aspirina, salicilato de sódio, ou a fórmula seguinte da Diretoria da Saúde Pública.

N. 02
USO INTERNO

Água destilada	150,0
Salicilato de sódio.....	4,0
Bicarbonato de sódio	2,0

Açúcar, o necessário para adoçar.

Para tomar de uma colher de sopa de 2 em 2 horas.

Para a tosse e facilitar a expectoração, usar a seguinte forma:

N. 03
USO INTERNO

Água destilada	150,0
Benzoato de sódio	4,0
Acetato de amônio	2,0

Açúcar, o necessário para adoçar.

Para tomar de uma colher de sopa de 3 em 3 horas.

A dieta poderá ser mantida por meio de leite, caldo de sopa de cereais, de legumes, de lentilhas, de arroz, aveia, centeio, etc... O uso de frango e galinha não é indispensável.

A Diretoria Geral da Saúde Pública do Estado, através dos resultados positivos obtidos durante tratamento dos doentes infectados pelo vírus da Influenza, passou a indicar fórmulas distintas nos diversos estágio da doença. No início da infecção gripal deve-se

tomar um purgativo brando de óleo de rícino ou sene tartarizado. No período pirético a porção sudorífica e antitérmica seguinte:

Benzoato de sódio	3 gramas
Acetato de amônio	4 “
Tintura de acônito.....	2 “
Analgesina.....	1,50 cents.
Xarope de Tolu.....	30 gramas
Hidrolatos simples ou infusão fraca de sabugueiro.....	12,0 gramas

Para tomar 3 a 4 colheres das de sopa por dia.

No período de declínio, se a temperatura caiu, usar 50 centigramas de sulfato de quinina, pela manhã, dose que será repetida por 2 ou 3 dias consecutivos.

O jornal A LUCTA, única imprensa escrita no Município, publicou desde o início diversas notas sobre a Influenza Hespânica, atualizando os seus assinantes, não só da real situação da doença no Município, suas vítimas e medidas tomadas pelo governo, como também fazendo críticas as reais condições sanitárias de nossa cidade. No Nº 15, de 17 de novembro, o hebdomadário publicou uma receita dirigida aos “pobres”, extraída do diário carioca A NOITE:

“Em uma vasilha de barro se cozinhe: uma mão de folhas de pitanga, flores de sabugueiro, algumas cascas de limão e borragem. A quantidade de água será de um litro e meio até reduzir-se a $\frac{3}{4}$ de litros da infusão. Depois de morna esta beberagem, o doente toma em uma xícara de chá desta infusão, collocando na ocasião de beber, três gottas de acônito e três de belladona. Tomar de meia em

meia hora, até suar. Logo após o suadouro, tomará um purgante de óleo de rícino, duas colheres em uma xícara de café, ou então um purgante de chuibarbo, maná e sene (água viennense). Para consertar o estômago tomará, de hora em hora, uma colher da de sopa, de fusão de macella gallega” (17.11.1918, p. 2-3).

“CRESCER A MORTANDADE!” RESULTADO DA EPIDEMIA NO OBITUÁRIO DE CIDADE



Foto divulgação

A gripe, que não deixou de invadir quase todos os lares de Annapolis (Simão Dias), atacou não menos de 5.000 pessoas, inclusive, farmacêuticos e os médicos Dr. Joviniano Joaquim de Carvalho e Dr. Samuel Dutra.

O jornal A LUCTA fez um relatório das primeiras vítimas da gripe espanhola:

“A primeira vítima da gripe foi o ser. Germiro Celestino Santos. Seguindo-se os srs. Nicolino João Archieri, João Baptista Sant’Anna, Francisco Amarinho de Santana e pessoa da casa, João Evangelista da Silveira, Quinto Monte Santo, Zeca Victor e filho, bem como toda família da primeira vítima. Felizmente quase todos si acham em franca convalescença. Constam-nos existir elevados números de hespanholados no município, havendo até hoje um só caso fatal” (17.11.1918, p. 1-2).

Poucos dias depois, o obituário das vítimas de influenza espanhola cresceu subitamente. Uma das vítimas foi D. Marietta Montalvão Monte Santo, falecida em 19 de novembro, deixando quatro filhos órfãos. Quinto Monte Santo, esposo da vítima, foi também contaminado pela gripe espanhola, mas sobreviveu. Ele era proprietário da Tipografia na rua do Comércio Velho, onde era impresso o jornal A LUCTA. Nesta Tipografia todos os seus funcionários foram infectados.

No Povoado Ilhotas, morreram no dia 20 de novembro, os irmãos Manoel (02 anos), Antônio (03 anos) e José (08 meses), filhos de Jerônimo Vieira Dantas e Victalina Maria de Jesus. Em 26 de novembro, falecera Maria Mangureira de Jesus, de 22 anos, solteira, Ângelo Mangureira e Laurinda Mangureira de Jesus. Durante o velório houve aglomerações de pessoas, o que, consequentemente, ampliou o número de pessoas infectadas. No dia seguinte, sua mãe foi sepultada aos 56 anos de idade.

No dia 28 de novembro, aos 45 anos de idade, foi inumado no cemitério São João Batista, o cidadão Jorge dos Santos, casado com Felismina Águida de Souza, do Povoado Furnas. O senhor Bruno Correia de Oliveira, do Povoado Roça Grande, chegou a perder três filhos para a gripe espanhola, entre os dias 13 a 21 de dezembro de 1918: Júlia Correia de Oliveira, morreu em 13 de dezembro de 1918, aos três anos de idade; Pedro Correia de Oli-

veira, que morreu em 19 de dezembro de 1918, aos dois anos de idade; e Cirila Correia de Oliveira, morreu em 21 de dezembro de 1918, com um ano de idade.

Na véspera de natal, na rua General Siqueira, faleceu vitimado pela gripe, o viajor Crispiniano de Tal, aos 19 anos de idade, filho de pais incógnitas, natural de Feira de Santana-BA. Nesta época, a pandemia já se achava em franco declínio, tendo constado apenas algumas recaídas e casos raros em poucas famílias ainda não atingidas pelo mal.

Em 29 de dezembro de 1918, o jornal A LUCTA noticiava que o mal reinante no Município de Annapolis (Simão Dias) já passava de fato consumado. Vez ou outra aparecia um convalescente passando ainda vacilante com o passo incerto e tropego. A influenza espanhola, tal como uma onda monstruosa, já se estendia pelos sertões da Bahia.

Em Simão Dias, a influenza espanhola atingiu aproximadamente 3.000 casos e pelo menos 90 óbitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A histórias das epidemias e pandemias que grassaram no Município de Simão Dias nos séculos XIX e XX apresentam aspectos que nos servem de reflexão. Ambas desafiaram as ciências, terrificaram a população mundial e mobilizaram os governos na implementação de medidas sanitárias adequadas para a estabilização e declínio da doença, até erradicá-las completamente.

Nenhuma das sociedades estão totalmente organizadas para o enfrentamento direto de uma pandemia, sobretudo, quando se trata de uma doença nova. Para impedir sua disseminação é necessário haver uma consciência única e humanizada da sociedade, longe de divergências políticas partidárias e o completo condicionamento as medidas sanitárias preventivas estabelecidas pela OMS – Organização Mundial de Saúde.

A proibição de certas atividades que evitem aglomerações, a imposição de se privar nos seus lares, o isolamento dos doentes e outras posturas proibitivas devem ser seguidas à risca, para não haver mortes grupais e danos maiores a sociedade. É notório que, a quarentena, as medidas sanitárias, o isolamento dos doentes, fazem as epidemias e pandemias recuarem gradativamente.

Falar sobre epidemias, a priori, não parece ser mais novidade, visto que recentemente enfrentamos umas das piores ondas de COVID-19 no País, em pleno século XXI. O Brasil já vinha

travando uma série de luta contra a febre amarela, malária, sarampo, tuberculose, gripe suína, etc., e mais recentemente, a dengue, zika e chicungunha, que a anos vem dizimando uma grande parcela da população brasileira ou superlotando hospitais, quando seus sintomas se tornam agravantes. Apesar do agravamento de ambas, nada se compara ao coronavírus, que hora grassa mundialmente.

O Município de Simão Dias, ainda que venha se adequando aos moldes do século XXI, a nível de saúde pública não se difere do passado. A população mormente carente ainda depende da prática assistencialista das autoridades políticas, sobretudo, dos camaristas, quando se trata de atendimento médico urgente ou exames clínicos. A Prefeitura Municipal de Simão Dias oferta transportes coletivos, ambulâncias e automóveis de médio e pequeno porte, para conduzir pacientes à capital do Estado, grande parte deles, com exames pré-marcados pela Secretaria Municipal de Saúde ou por parte de alguns membros da Câmara de Vereadores, que semanalmente subsidiavam a população. Na rede pública hospitalar, o atendimento as parturientes de Simão Dias são ofertadas, sobretudo, nos Hospitais de Lagarto e Itabaiana.

O Hospital “Bom Jesus”, instituição de natureza beneficente e filantrópica, que citamos no capítulo anterior, fechou definitivamente as portas. Desativado na gestão do Governador Marcelo Déda Chagas, a Associação permaneceu conservando o prédio, alugando por contrato firmado com a Prefeitura Municipal, desde a gestão de José Matos Valadares e Dênisson Déda de Aquino, que utilizaram o espaço para sediar a Secretaria Municipal da Saúde e a Farmácia Básica.



Antigo prédio do Hospital Bom Jesus – Ano 2010. Locado pela Prefeitura Municipal para sediar a Farmácia Básica.
(Fonte: desconhecida)

Sem uso e vigilância no último quadriênio, o prédio foi depredado e saqueado, causando danos incalculáveis para a população. Esta medida tomada pelo Governador do Estado se deve, principalmente, a readaptação da Casa de Saúde Pedro Valadares, que se tornou uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA), espaço onde se concentra os atendimentos de saúde de média complexidade, inaugurada em 17 de maio de 2010.

A antiga Casa de Saúde “Pedro Valadares”, construída em meados da década de 1980, foi idealizada pela família de seu patrono e mantida através de doações feitas a Associação Beneficente “Senhora Santana” e subsídios do governo federal, estadual e municipal. Em decorrência da disputa política travada entre “Jacaré” e “Crocodilo”, codinome dado a divisão política partidária da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) em Simão Dias, o grupo “crocodilo” liderado pela família Valadares, decidiram fundar esta Casa de Saúde, visto que o Hospital Bom Jesus era dirigido por membros da oposição.



Casa de Saúde Pedro Valadares – 1985
(Fonte: José Matos Valadares)



Unidade de Pronto Atendimento (UPA) Pedro Valadares – 2010
(Fonte: Conselho regional de Enfermagem de Sergipe - Cofen)

Para transformar a Casa de Saúde “Pedro Valadares” na UPA – Unidade de Pronto Atendimento, o Governo Marcelo Déda Chagas investiu recursos procedentes do Fundo Estadual de Saúde, um valor equivalente a R\$ 3,7 milhões de Reais, sendo parte deste destinado às obras e a outra parte, para a aquisição de equipamentos e mobiliário.

A inauguração ocorreu em 17 de maio de 2010, na qual contou com a presença de populares e autoridades constituídas: do

Governador Marcelo Déda, Vice-Governador Belivaldo Chagas Silva, Senador Antônio Carlos Valadares e do Prefeito Dênisson Déda de Aquino.

A UPA foi construída com capacidade para atender diariamente até duzentos pacientes, a com uma estrutura de 20 leitos, serviço de atendimento à emergência e urgência clínicas, traumáticas, obstétricas, psiquiátricas e neonatológicas de baixa e média complexidade.



Inauguração da Unidade de Pronto Atendimento (UPA) Pedro Valadares – 2010. O Governador Marcelo Déda desamarra a fita inaugural. Durante a solenidade, também discursaram Belivaldo Chagas Silva (Vice-Governador) e Dênisson Déda de Aquino (Prefeito)
(Fotos: Marcos Rodrigues/ASN)

Além destes dois Hospitais Públicos, o Município de Simão Dias também contava com um Posto de Saúde e uma sede para o funcionamento da Fundação SESP (Serviço Especial de Saúde Pública). Em outubro de 1967, o Prefeito Antônio Carlos Valadares reformou o antigo prédio da Puericultura e o adaptou para funcionar o SESP.

O Posto de Puericultura do Município foi inaugurado em 21 de maio de 1946. No ato inaugural, estava presente o Interventor Federal Coronel Antônio de Freitas Brandão e o Juiz de Direito Dr. Belmiro da Silveira Góis, que solicitou ao eminente representante do Executivo Estadual, que olhasse para os hansenianos que existiam em Simão Dias. Para o cargo de encarregada do Lactário, o Prefeito em exercício Aristóteles da Silva Amarinho nomeou, em 24 de setembro de 1946, Dona Noemi do Prado Dantas.

No ano seguinte, na Praça José Barreto de Andrade, passou a funcionar o antigo Dispensário de Doenças de Pele, construído por iniciativa de Dr. Joaquim Fraga Lima, chefe do serviço de combate à lepra no Estado e a ajuda de 10:000\$000 (Dez contos de Réis) do S.N.L (Serviço Nacional de Lepra). Na época, o Prefeito Municipal doou o terreno para a construção do prédio, o governo Dr. José Rollemberg Leite fez a doação dos azulejos, que revestiu parte da parede interna do Posto, e o Prefeito da Capital Dr. Marcos Ferreira de Jesus forneceu o forro.

Com o Dispensário inaugurado, no ano seguinte, um grupo de senhoras e senhorinhas fundou a Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa Contra a Lepra, com o objetivo de amparar as vítimas de hanseníase. Esta Associação, além de auxiliar as famílias das vítimas em isolamento preventivo, ofereciam materiais e noções de higiene relativa à prevenção do mal. No seu primeiro biênio de existência, a Sociedade de Assistência aos Lázaros foi presidida por Ana Carmem de Carvalho (Dona Carmita), esposa do médico Dr. Manoel Salustino Neto.

O jornal A SEMANA, de 12 de agosto de 1961, acusou o Poder Executivo Municipal de especificar nas despesas orçamentárias, rótulos de “Remédios para o Dispensário”, mas que não se chegava ao Posto. Isso ocasionou uma série de problemas e descontrole na administração do Dispensário, chegando, mais tarde, a fechar as portas. Na década seguinte, o prédio tornou-se apenas Posto de Saúde Municipal, inicialmente dirigido pelo clínico Dr. Manuel de Souza Aguiar.

Já no último quartel do século XX, sancionado o Projeto-Lei Nº 11/95, de 16 de agosto de 1995, apresentado na Câmara Municipal pelo vereador João Miranda de Souza Neto, o Posto de Saúde Municipal passou a denominar-se Posto de Saúde Municipal de “Dr. Manuel de Souza Aguiar”.

Enquanto nesta ocasião o Município mantinha dois hospitais públicos, a sede da Fundação SESP e um Posto de Saúde a disposição da municipalidade, atualmente, em Simão Dias, resta a Unidade de Pronto Atendimento – UPA e a Clínica de Saúde da Família “Eunice Barbosa de Oliveira”. Nenhuma delas estão preparadas para tratar dos infectados pelo COVID-19. Na UPA, em especial, o paciente é apenas estabilizado, e após detectar o problema, é encaminhado pelo Serviço de Atendimento Móvel de Urgência – SAMU, para o Hospital mais próximo, em outra cidade. Cabe ao Município apenas cumprir com o calendário de vacinação da população e nos cuidados com os pacientes contaminados, que apresentam sintomas leves da doença ou que são apenas assintomáticos.

Enfim, a disposição em perdoar, evitar rancor e ressentimento, ser grato, preocupar-se mais com o próximo do que consigo mesmo, têm múltiplos efeitos caritativos para o coração. É um grande aliado para estabilizar aspectos emocionais, psicológicos e espirituais neste período de pandemia. *“Aprende-se muito com o sofrimento, muito mesmo, sobretudo, quando o sofrimento toma a*

proporção do abismo”¹⁶. Apesar do sofrimento e das perdas irreparáveis que as epidemias e pandemias provocam em cada um, elas também nos deixam lições de vida.

Quando a humanidade se auto superioriza, é preciso que algo novo e atemorizante desperte em cada um a certeza de que “*viemos do pó e do pó voltaremos*”¹⁷. É preciso que olhemos para o futuro com a esperança de sermos melhores e mais humanizados. Não encaremos a realidade como castigos, pragas, mas como provações. Aqui, há muitas pessoas vazias e poucos demais transbordando de amor, altruísmo e magnificência.

O mal passa, o bem prevalece.

16 Trechos da canção “Conflito”, de Padre Zezinho Scj. (CD O Filho de Carpinteiro, Vol. 03. LP 1978. Regravação no ano 2000.

17 Cf. Gênesis 3, 19.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PERIÓDICOS

A LUCTA (Simão Dias/SE), 1917-1926; 1934-1938

A REFORMA (Aracaju/SE, 1888-1889)

A SEMANA (Simão Dias/SE), 1946-1947, 1953-1969 (CD-ROM)

CORREIO SERGIPENSE (Aracaju/SE), 1840-1866

CORREIO DE ARACAJU (Aracaju/SE), 1906-1961

ESTADO DE SERGIPE (Aracaju/SE), 1902-1919

JORNAL DE SERGIPE (Aracaju/SE), 1877-1884

O ESTADO DE SERGIPE (Aracaju/SE), 1890-1937

O PALADINO (Paripiranga/BA), 1919-1929; 1939

LIVROS E REVISTAS

DÉDA, José de Carvalho. **Simão Dias: Fragmentos de sua história**. 2. Edição. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 1967.

GUARANÁ, Manoel Armino Cordeiro. **Dicionário Bio-Bibliográfico Sergipano**. Rio de Janeiro: Oficinas da Empresa Graphica Editora Paulo, Pongetti & Cia, 1925.

HENDERSON, D.A. **Uma vitória para humanidade**. In: Revista Ilustrada Oficial da Organização Mundial da Saúde: A Saúde do mundo. Organização Mundial da Saúde (OMS). Maio, 1980.

IBGE, **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (Alagoas e Sergipe)**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. V. 19: 468-472.

NETO, Amâncio Cardoso dos Santos. **Sob o signo da peste: Sergipe no tempo da Cholera (1855-1856)**. Universidade Federal de Campinas. Campinas/SP. Novembro de 2011.

SANTANA, Antônio Samarone de. **As febres do Aracaju: dos miasmas aos micróbios**. São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, 1997.

REGO, Dr. José Pereira. **Memória Histórica das Epidemias da Febre Amarela e Cholera Morbo que tem reinado no Brasil**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1873.

SANTOS FILHO, Lyrurgo. **História Geral da Medicina Brasileira. Vol. 1**. São Paulo: Editora da USP, 1977.

SILVA, Daniel Neves. “**Gripe espanhola**”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/i-guerra-mundial-gripe-espanhola-inimigos-visiveis-invisiveis.htm>. Acesso em 22 de março de 2021.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. **A Gripe Espanhola na Bahia: Saúde, política e medicina em tempos de epidemia**. Salvador: EDUFBA. Editora Fiocruz, 2009.

Formato	ebook/pdf
Tipologia	Adobe Garamond pro

A investigação sobre as enfermidades epidêmicas e pandêmicas que grassaram no Município de Simão Dias entre os séculos XIX e XX nos traz sérias reflexões sobre os últimos momentos que enfrentamos, com a propagação e transmissão do COVID-19. O presente estudo trará um apanhado de notícias, artigos e informações, onde o leitor passará a avaliar os conhecimentos científicos daquela época, as formas rústicas de prevenção e tratamento da doença, comparando-os com as redes de informações atualmente disponíveis, acessíveis a todos através das tecnologias e imprensas, que sem uma censura especializada, misturam-se a *fake news* e dúbias campanhas inautênticas, onde parte delas, vai de encontro com as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e outros órgãos competentes.

